



Tiago Silva  
43684

Desenho II

Auto Retrato

Nesta apresentação irão ser expostos 86 desenhos juntamente do processo de alguns e também esboços feitos antes de iniciar os desenhos

No enunciado enviado ficou escrito que tinha como objetivo melhorar o traçado e conseguir desenhar melhor a figura humana (face).

Penso que foi não só um objetivo concluído, mas também me deu a capacidade de libertar mais ao desenhar e não ter medo de riscar.

Neste trabalho quis explorar o contraste

No processo criativo tive uma pequena inspiração das obras de William Kentridge

Ao longo deste percurso dei uso aos seguintes materiais:

Grafite 2B-9B  
Carvão em barra  
Canetas estilo marcadores  
Caneta preta  
Tinta da china em pincel  
Pastel de óleo  
Sanguínea  
Lápis Branco  
Tinta Adesiva de pintura

Esta apresentação encontra-se dividida em 5 partes

Slide 6      Começo pelos estudos realizados (ainda não me focando no autoretrato).

Slide 8-38      Desenhos realizados num livro (Os Maias 3<sup>a</sup> edição)  
de tamanho A5.

Slide 39-46      Desenhos feitos em folhas soltas num livro diferente, de dimensões  
ligeiramente maiores

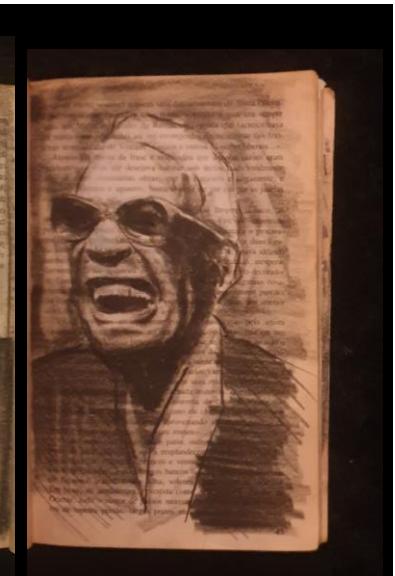
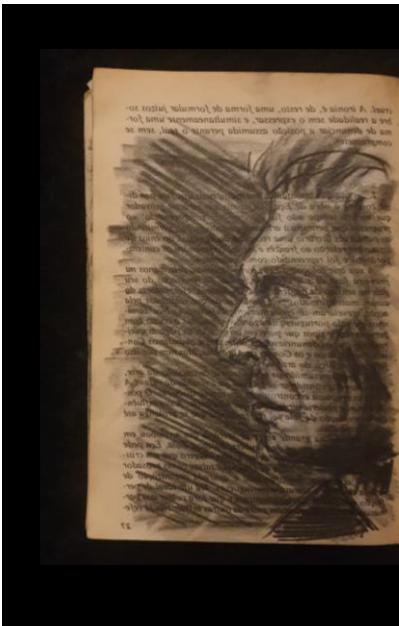
Slide 47-51      Processo feito apenas em alguns desenhos.  
(O processo é idêntico na maioria dos mesmos).

Slide 52      Algumas das obras que serviram de inspiração para a realização do  
trabalho

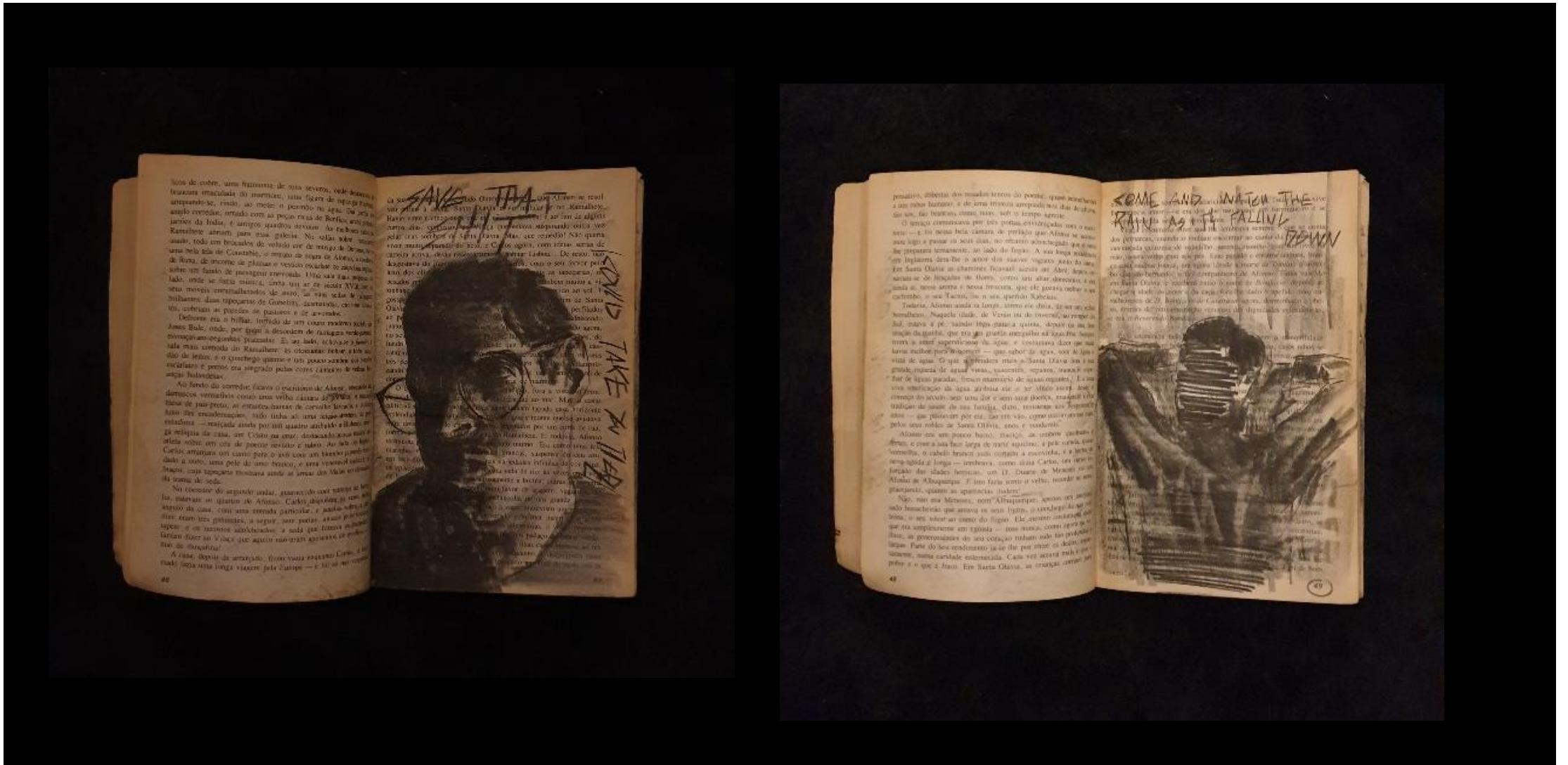
Todos os desenhos encontram-se apresentados pela  
mesma ordem em que foram elaborados

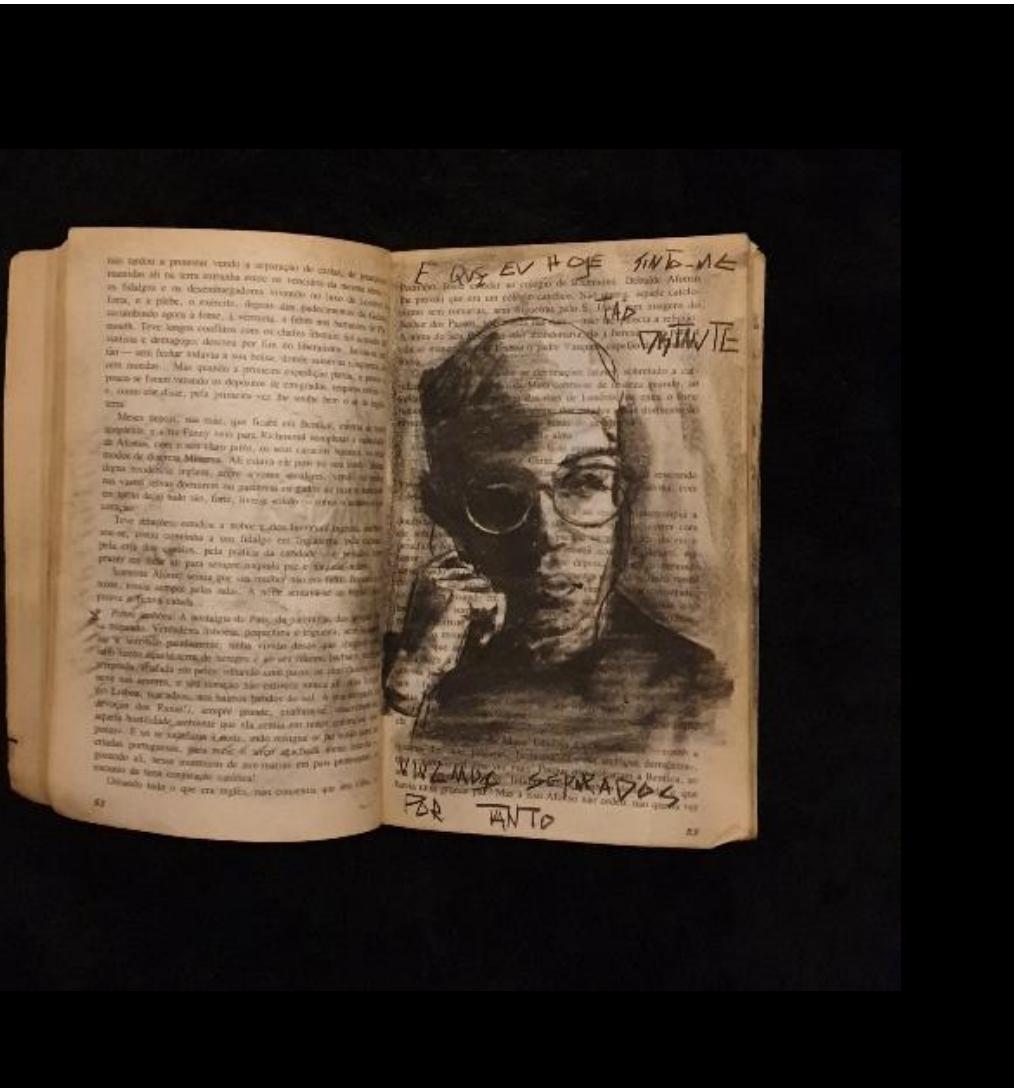
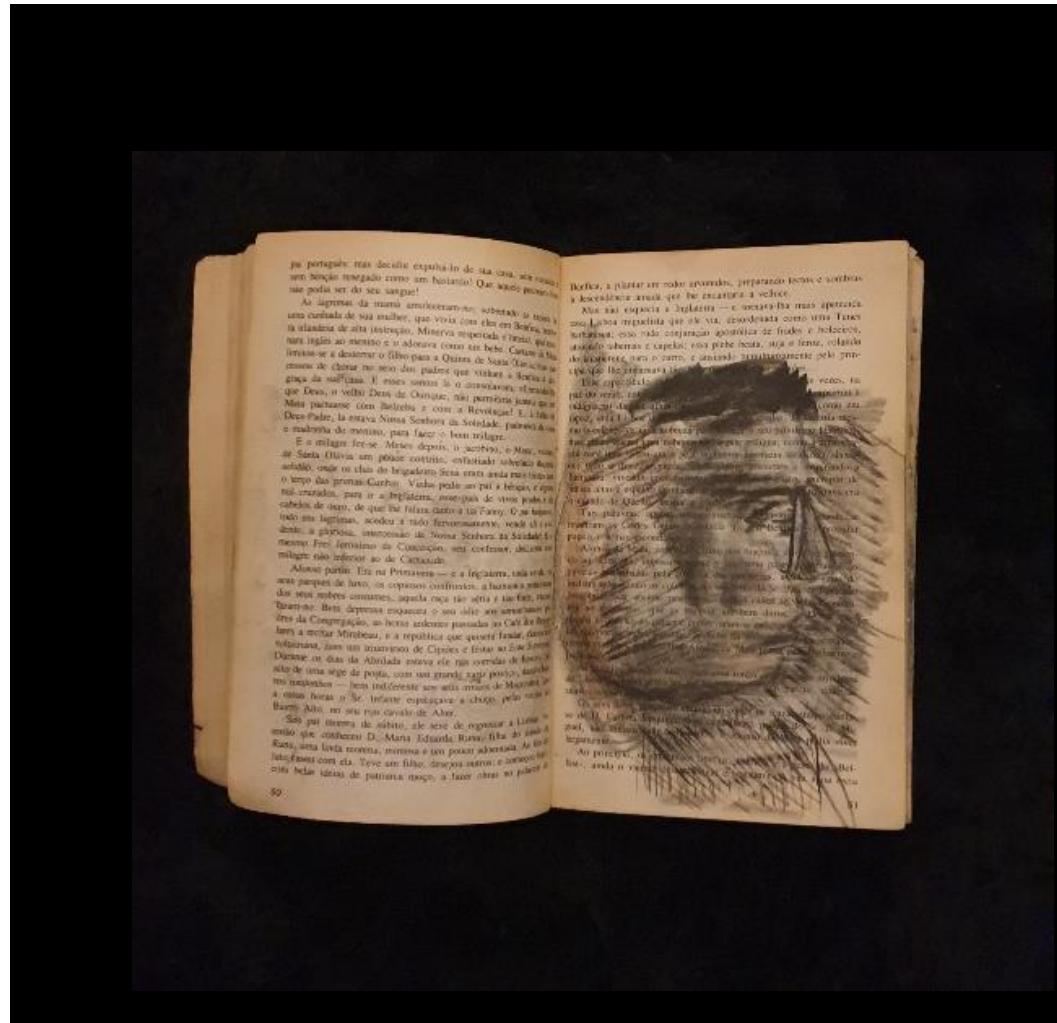
Comecei por realizar alguns estudos para perceber melhor as sombras na face humana

Tinta da china e grafite



Desenhos no livro A5







Não tardou de novo a falar-se em todo o Leste da província Pedro da Maja pela «negreira». Ele também havia nascido na Vila, a antiga, plantado a uma esquina, defronte ao portal da Igreja, com os olhos cravados na praça dela.

Escrevia-lhe todos os dias duas cartas em seis folhas de papel, poemas desordenados que ia comprar para o Marat; e sempre ignorava a destino daquelas páginas de lettras tornadas que se acumulavam diante dele sem o saberem da gente. Se esse amigo viesse à porta do café pegava por fôlego de Moisés, e mandava-lhe respostas muito rapidamente.

— O Sr. Pedro? Esta a escrever a messa.  
E ele mesmo, se o amigo se acercava, mandava-lhe um bela  
sorriso radiante com o seu belo e franco sotaque.

— Espero um ambo, rapaz, disse o escrivão a Maia.  
Os velhos ampos de Atouguia da Mata que estavam fios com  
whisky e Benfica, sobreposta a Vilage, o serramento do Mac-  
melo: resumo da dignidade da casa, sólido herdeiro do seu pa-  
trão, daquelas amores de Pedroso. Almoçou-se ali no escrivão,  
todus em claus um criado da quinta penteava com roupas da  
melhoras camisas de jardim, malas de marshas entravam e saíam  
corredor e escadaria, desprendendo-se os aromas do perfume das  
regaladinhos e perfume de um envelope com sede de leite de  
rato, e nesse desordenação que uns latentes, outros, brancos  
forte, lhe fôssem arrancando a fôrma e cotonete bolhoso, se ap-  
melhoreiam sem marra em que separeiam a negra rapa.

Mas ignorava o nome, a estatística, aquela sua história e particularidades que os amigos lhe revelavam, aquela sua Açoete, a chicote de fator na Virgínia, rebaga Nova Coss, aquela sinistra legenda do velho, conterrâneo marro Afonso de Belo.

Uma noite que o coronel Sequeira, a seu lado, visitava Maria Monforte e Pedro passando a noite, ambos muito distinguidos... Afonso, depois de um silêncio longo e enfadonho:

— Enfim, todos os rumores têm as suas origens. A vida é amar, e serás astuto querer impedir que se amem. Mas essa mulher, com um pai desses, morre para amar, acredita?

— Amante! Mas a repartir e subiu, meu senhor.

— Que dons a l'altre mà! Faveu-me bona de vergonha.  
Poder, màs branc que o llongo que n'ella na més, exclamou  
veto a trencat, quasi en urdaca.

Porto pode estar certo, mas não quer falar de causa. Sábia, atingiu facilmente quanto a ponto. Ninguém dirá graças pelo escudo, nem tanto mais quando, por sua vez, o desfizerá a deus para levar as suas mazelas ao longe, para sempre.

Deixou depois de um tempo os Reitze, com as ligeiras suas contumácias, e a sua rascunha ressa, maltratada — e seconde vez — em Serravalle, condutor do Mestrante, a parte com a nova para a Itália.

Alonso da Maturana, que se sentou à mesa do almoço, pegou no prato logo de servido, em vez de estender-se num vaso do lado direito, topo da cama, e ardia antecipado de Pedro, estava o tanto da formiga. — «Agora venha eu dar-lhe castanhas receber». Alonso tirou o prato, que lhe era dado constantemente desdolorante e tenso calmante.

G. pectoralis and G. rufescens are described as follows:

— H. Almada, *Introdução à História da Civilização Portuguesa*, 1921.

— Diese vier sind wahrscheinlich Personen, denen man nicht gewollt hat.

O. Tercer, tercero.

...viveram com indiferença ou talvez  
com medo. Vilas e casas que antes eram gospes e casas  
que eram casas de vila, eram agora casas de Berlitz. Os passageiros  
que antes faziam ruidos e risadas em suas cabines estavam alegre-  
mente pendurados em suas poltronas, ou ali deitados, ou ali sentados que  
não se importavam de que o trem estivesse de peada nas  
cabines, ou que o trem estivesse parado.

que, nesse momento, se achava a bordo, e abordado por  
um barco. Aproveitou-se desse momento para saltar  
para o mar, e nadar para a costa.

aparece telle con nica, que se deu a respeito da fome, derrama a velha e sua infidelidade seriam um ameaça seguramente Seguranç a e a nobreza.

Afonso foi encantado com o que desvagou a sua amada, passando a respeitar das altas e baixas de sua paixão.

... de parlares conmigo un momento.

arron per a unir daquel. Parí una fiesta e festejóse, se dieron na pacifici. Unidos adormecida en su

*Antes de partir, porém, escreveu ao pai:  
Fiz um enxoval, quase uma exibição de riqueza.*

Fora um cidadão, quase uma estrela de Vênus, Afonso da Maia o príncipe desaparecia - havia ali uma mão doméstica; mas aquela - não, ameaçava roubos para casa muito pateticamente, mas, tratando-se de um homem, Odjane se vêlo; e tinha apressado o casamento, para que pudesse fardar para Itália, para lhe montar bem spa sadias, e avos godos, brilos de família - diane doceza de leões, porém, que é votar a Lisboa, das cores, que alegre, a linção tornava-se indiferente, apertei por dentro os dentes, o rígido impulso de descer, e a tensão tornava-se insuportável entre os dentes, esmagando os dentes, rongando os dentes, carregando de negro. E quando acharou se à Lisboa poligonal, agarrado tanto ao fundo, e tão ocultamente, com as suas barbas

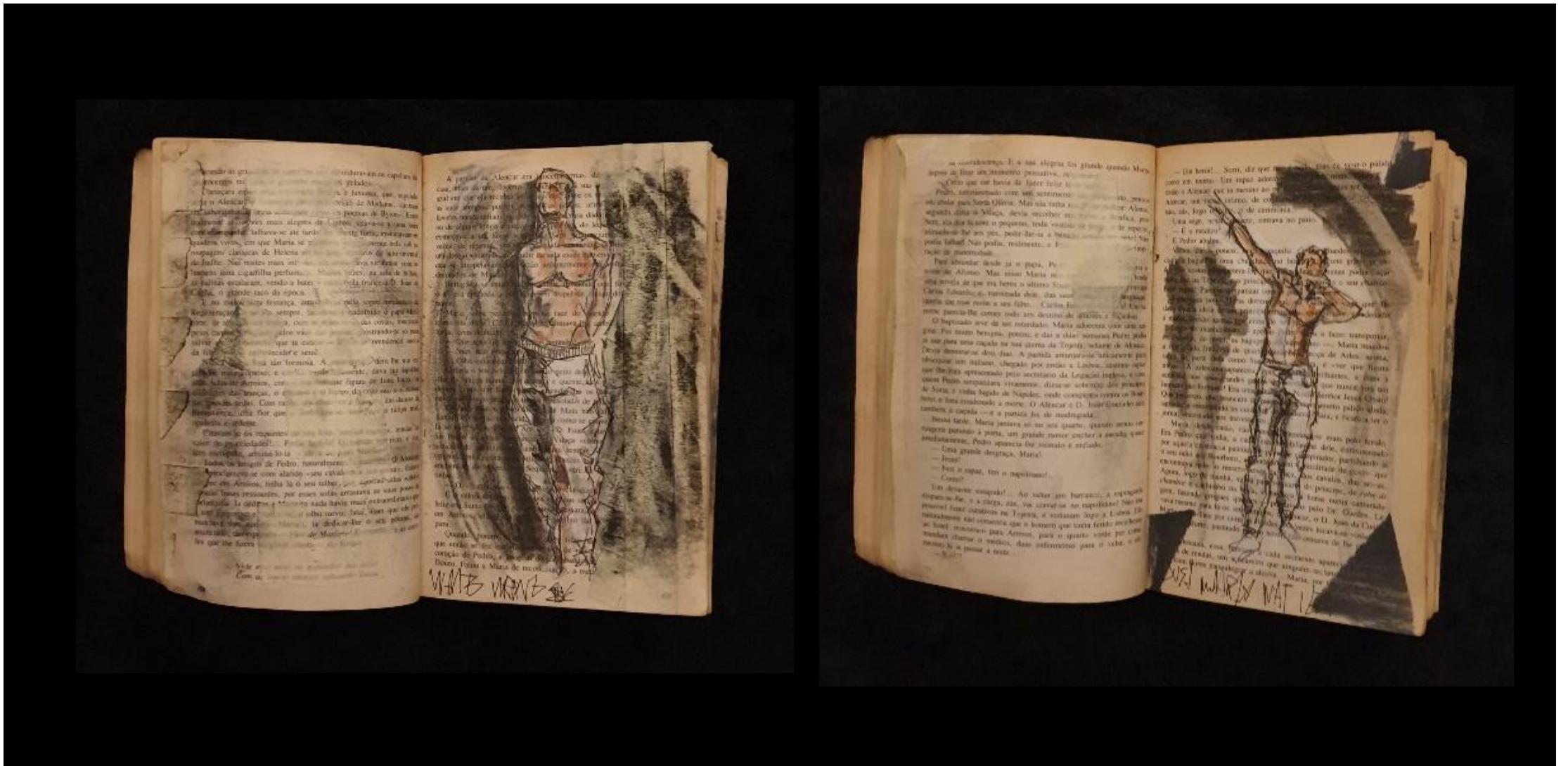
— Diz-lhe que já o adom — mandava ele, encorvinhando, sacudindo os cabelos de Pedro — Dize-lhe que é um pequeno ladrão de porco-novo dele. — E disse-lhe com certa bondade:

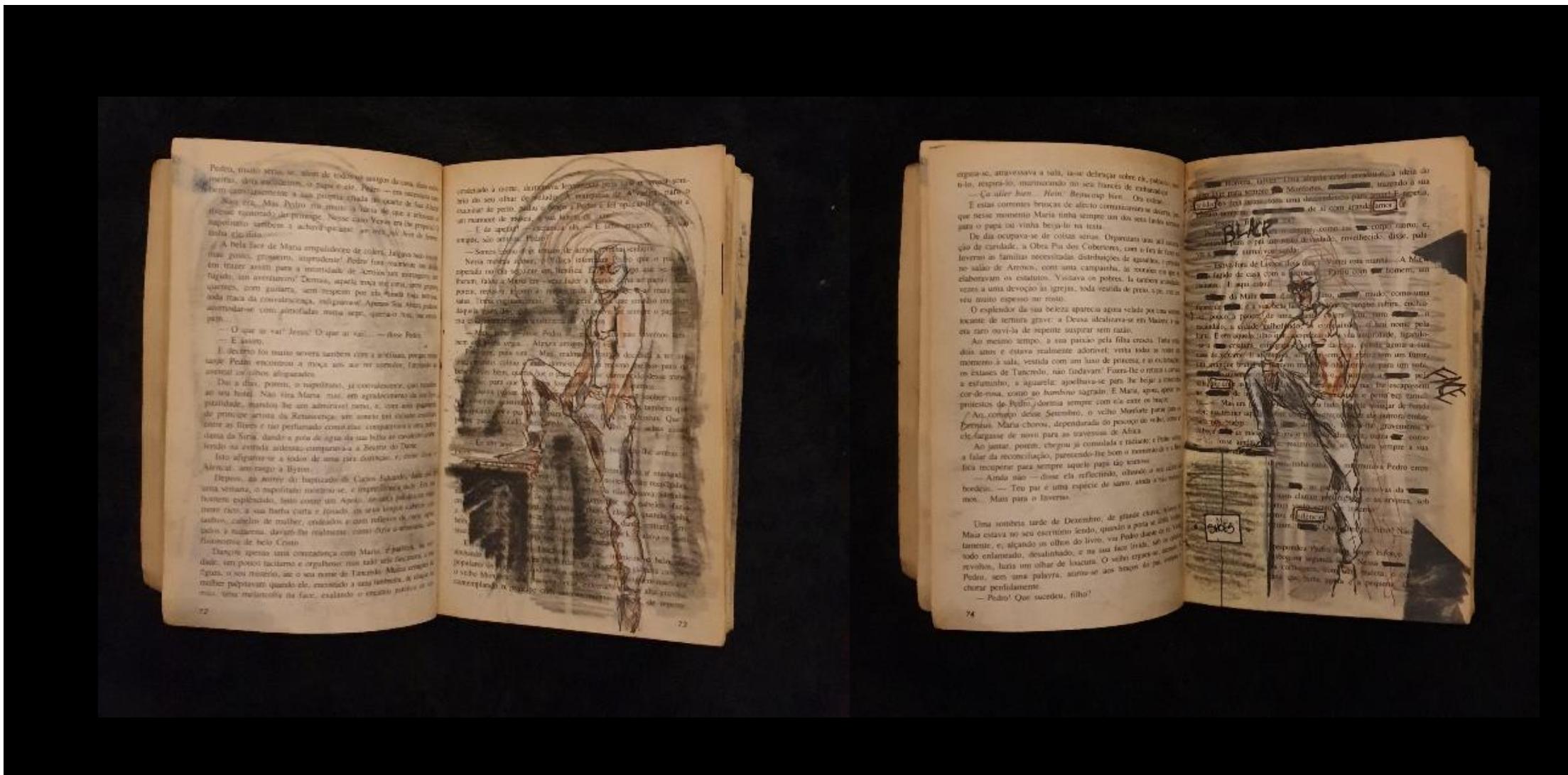
L. por bonita, fui terra, a carta de Pedro ap. que  
amava o Brasil e comendo as esperanças de um dia  
desenvolverem devem faltar em auto do reino daquele  
Mais que ali vinha, surpreendido e ferido do nome. Compre-  
sas felicidades com uma cláusula de varredura indicou a  
bondade de Maria, das suas graças, da sua misericórdia, pelas  
paganas, e provava que apenas chegava ao tâmbor sua voz

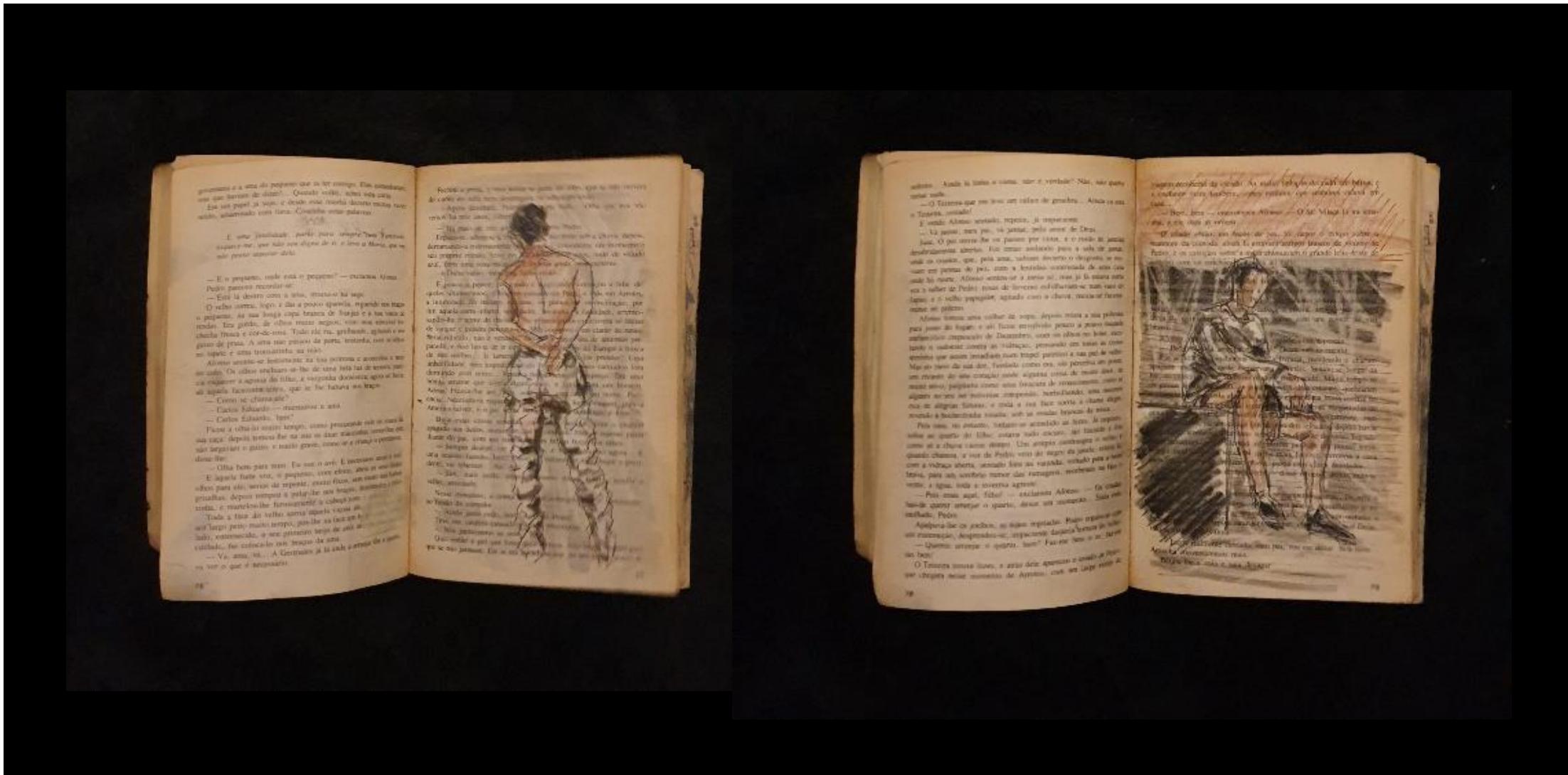
Com elono, apenas desembartou, zonou para terra a Batalha.  
Dois dias antes o pai partiu para Santa Cruz, no porto de  
Santos, e fomos-o acenhamos.

Fez-se então entre o pai e o filho uma grande  
batalha, que Pedro não tinha percebido, e que  
terminou com Pedro — que já não tinha pai —, mas  
que não havia de ser por sua culpa. Mais,  
apesar dos desejos de Pedro, Matilde não  
admirava a cor frenética, possuía algo de tocado no rosto  
extasiado, correndo os olhos num chão de perdação.  
Pondo-lhe beijos de devor nos peitos, os  
mandou já, encerrando-a já de lacrimejantes.

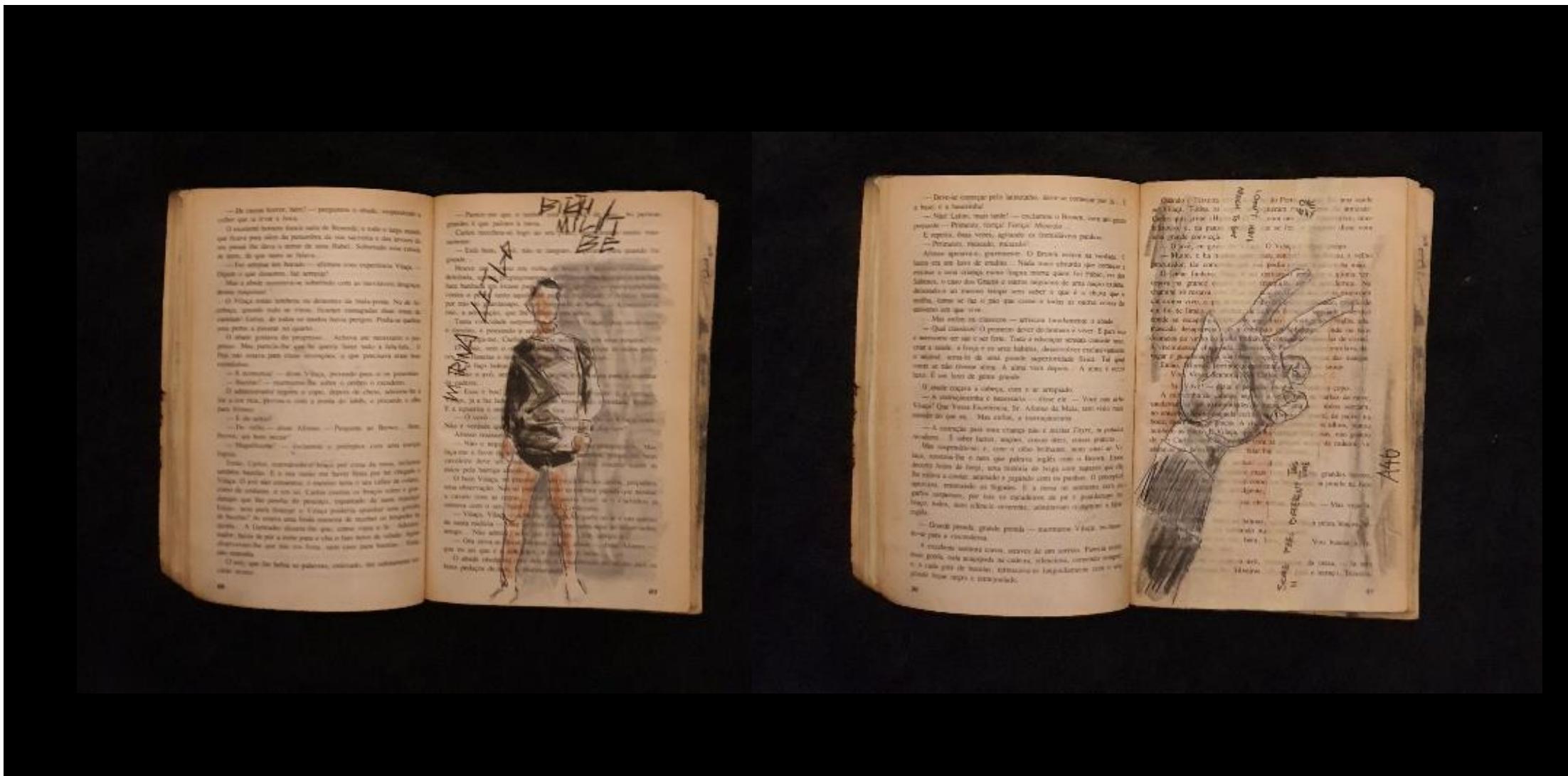


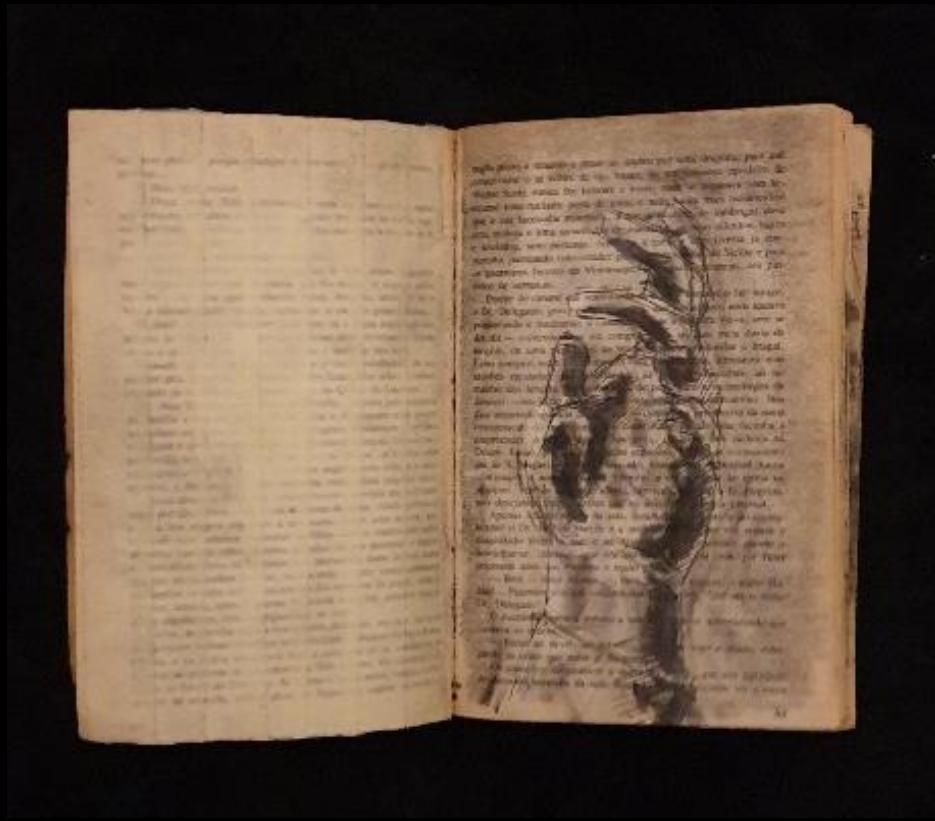




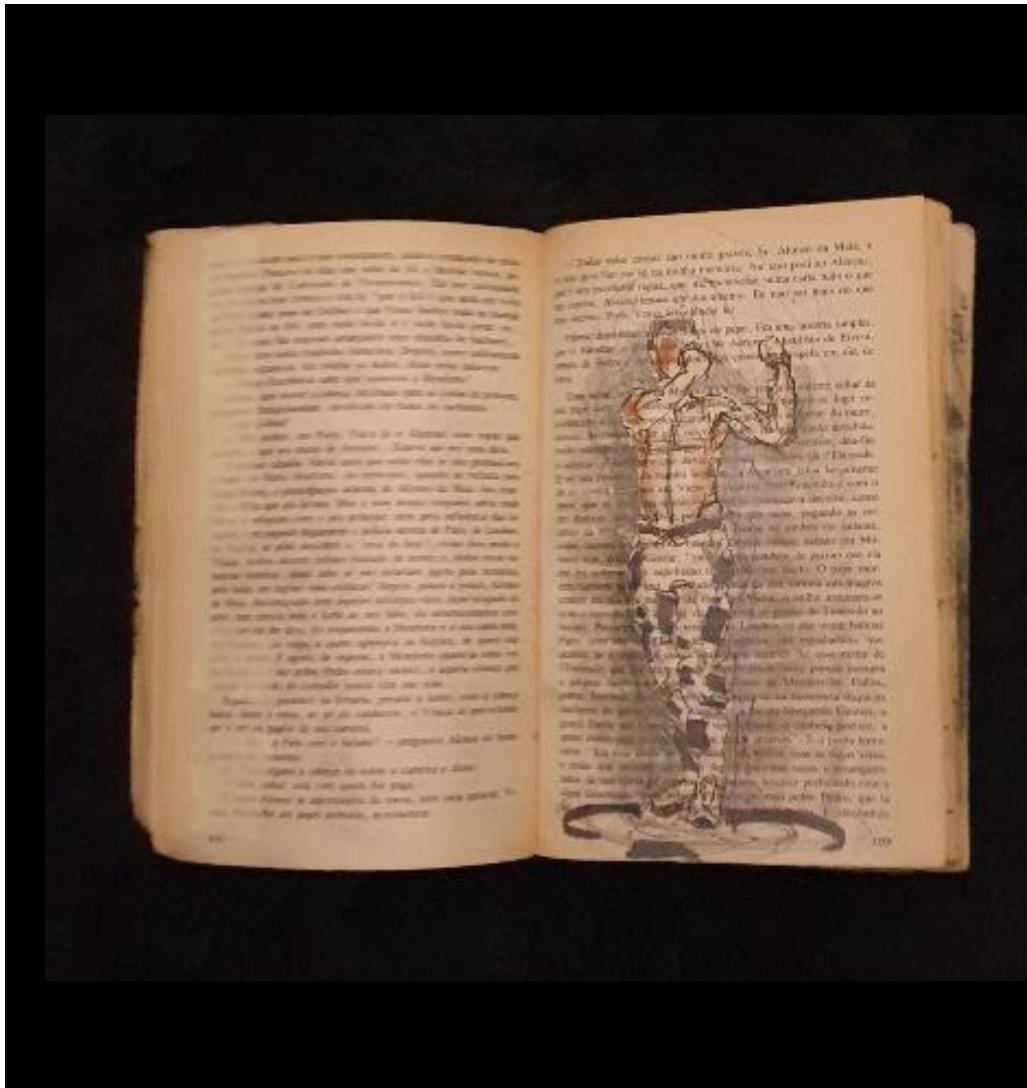


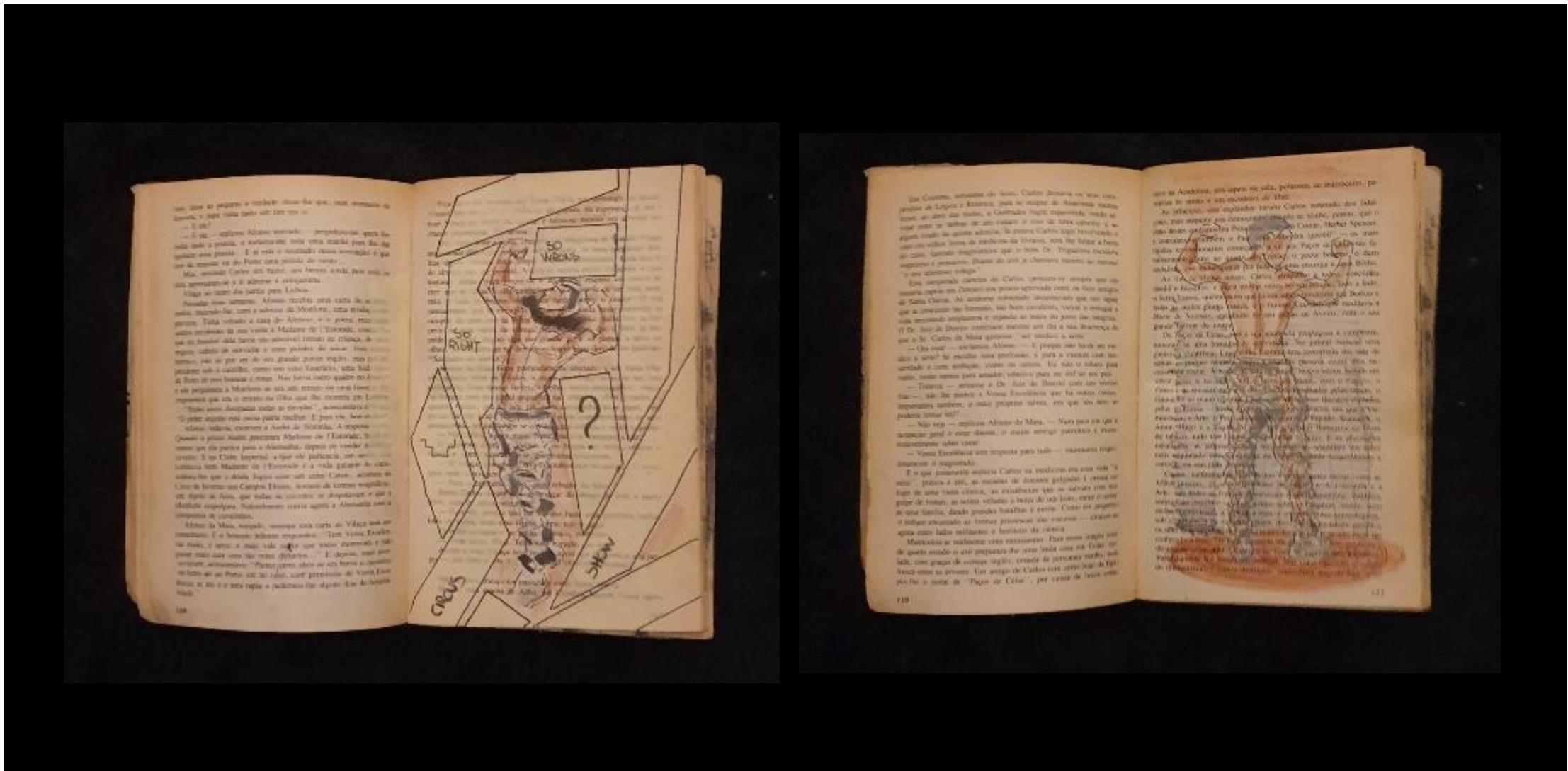






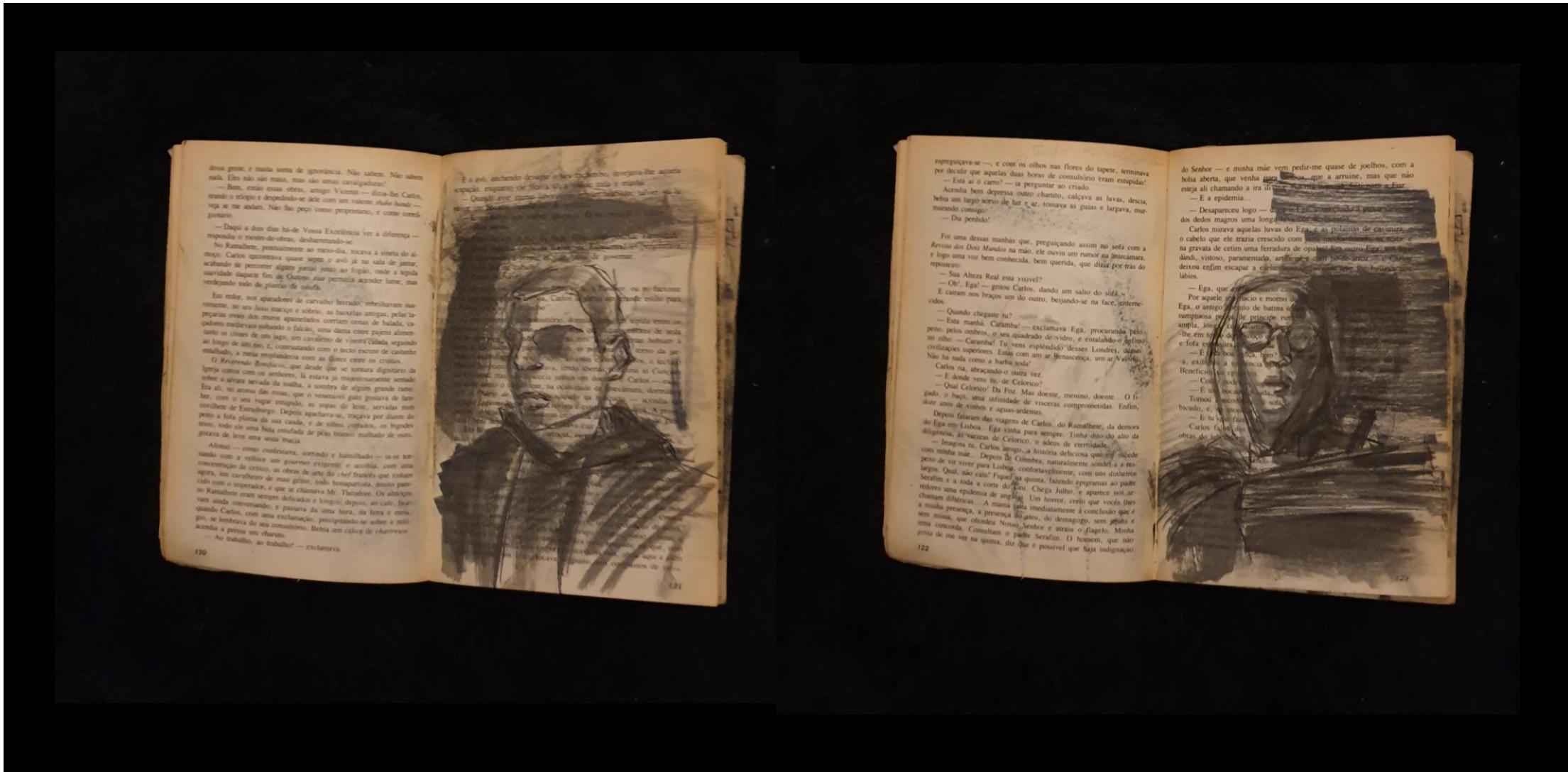












dessa gente, é muita soma de ignorância. Não sabem. Não sabem nada. Eles não são maus, mas são umas cavalgaduras!

— Bem, então essas obras, amigo Vicente — disse-lhe Carlos, trazendo o relógio e despedindo-se da cama com um violento shuff hand — veja se andam. Não liso peço como preparatório, e como comed-

— Daqui a dois dias hei-de Vossa Excelência ver a diferença — respondia o mestre-de-obras, desbaratando-se.

No Ramalhete, pronunciando ao meio-dia, tocava a sineta da almoço. Carlos encostava quase sempre o avô já na sala de jantar, acabando de peneirar alguma porca, juntas ao fogão, onde a sopa univocada dourava fogo. O avô nem permitia acender fume, mas verdejando todo de plantas de castanha.

Em redor, nos apartamentos de carvalho lascado, vibravam assentemente, no seu húmido marco e sobreiro, os barbeiros antigas; pelas tapetadas ovais dos muros apimentados corriam centenas de balada, cada um metadevias soltando o falatório diante das janelas abertas tanto os círculos de um lado, um cavaleiro de vidente calhada seguido ao longo de áltos coros, e, contracorrendo com o leito escuro de castanho malhado, a mesa resplandecente com as cores entre os cristais.

O Reverendo Bompácius, que desde que se tornara digníssimo da igreja como os seus senhores, lá estava já massacrando a maternidade, sentado numa serra nevada da moita, a sombra de algum grande ramo. Era ali, num círculo das rosas, que o venezuelano gato provava de lambuz, com o seu rugir estupido, as sopas de leite, servidas num corvilete de Extramadura. Depois agachava-se, traçava por diante de si uma folha plana da sua cauda, e de olhos cerrados, os lóngodes gravava de leve uma serra macia.

Afonso — como condescendia, sorrido e humilhado — ia-se tornando cada vez mais um governante exigente e acribila, com uma concentração de crônico, e de horas de ardo do chefe francês que tinham aquela, um carabineiro de alguma grama, todo bonapartista, muito parecido com o imperador, e que era chamarria Mr. Theodore. Os amigos iam ainda conversando, e passava de uma hora, da hora e meia, para o Carlos, com uma exclamação precipitando-se sobre o relógio, se lembrava do seu conselheiro. Bebia um café de charrete.

— Ao trabalho, ao trabalho! — exclamava.

120

— E aí, encerrando desvario e hera chichimbo, invejando-lhe aquela acção, empurrou vir flores, e a florada, tendo a manha

— Quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

— E quem é esse homem que é esse? — disse Sávio, olhando para o Sr. Bento, que se sentava no seu escrivaninha, com o rosto

engraçava-se —, e com os olhos nas flores do tapete, terminava por decidir que aquelas duas horas de consultório tram estupidas!

— Esta ai o carro? — ia perguntar ao criado

Acordou bem depressa outro charuto, calçava as luvas, desculpava um largo sorriso de luz e ar, tomava as guias e largava, murmurando consigo:

— Dia perdido!

Foi uma dessas manhãs que, preguiçando assim no sofa com a Revista dos Dois Mundos na mão, ele ouviu um rumor na ante-câmara, e logo uma voz bem conhecida, bem querida, que dizia por trás do repousinho:

— Sua Alteza Real está visível?

— Oh! Ego! — gritou Carlos, dando um salto do sofa. E caíram nos braços um do outro, beijando-se na face, internamente:

— Quando chegaste tu?

— Esta manhã. Carimbá! — exclamava Ego, procurando pelo peito, pelos ombros, o seu quadradinho de seda, e estalando, enfim, os dedos, com um longo suspiro.

Carlos mirava com relativa lucidez do Egó, e as polinhas de casumar, o cabelo que ele trazia crescido com um certo desalinho, e na gravata de cetim uma ferradura de opaletas. Um outro Ego, entretanto, visto, paramentado, arrumado, e com um sorriso de satisfação, deixou enfim escapar a ex-lanciana, que se levantou, e saiu.

— Ego, que alegria meu encontrar-te!

Por aquele momento e morro de contente, Ego, o antigo membro de batina, naturalmente sonhava, supunha porventura, de principe rurista, ampla, jovem e calorosa, e que se sentisse bem em todo o lado, e fofa e engraçada.

— E tu? — exclamou Ego.

— A, estou a vivência de um Benedito ou epônimo.

— Como pode ser?

— É só ficar na sala, e ficar a bocanada de ar,

Toma a concordância, só é bocado,

— E tu que fizeste?

Carlos falou-lhe das suas obras, das lentes, das

122

do Senhor — e minha mãe vem pedir-me quase de joelhos, com a boca aberta, que venha para cá, que a arruine, mas que não esteja ali chamando a ira divina, e que seja forte, como a Ego...

E a epidemia.

— Desapareceu logo — disse Ego, e apanhou a polainha.

dos dedos, com um longo suspiro.

Carlos mirava com relativa lucidez do Egó, e as polinhas de casumar,

o cabelo que ele trazia crescido com um certo desalinho, e na gravata de cetim uma ferradura de opaletas. Um outro Ego, entretanto, visto, paramentado, arrumado, e com um sorriso de satisfação, deixou enfim escapar a ex-lanciana, que se levantou, e saiu.

— Ego, que alegria meu encontrar-te!

Por aquele momento e morro de contente, Ego, o antigo membro de batina, naturalmente sonhava, supunha porventura, de principe rurista, ampla, jovem e calorosa, e que se sentisse bem em todo o lado, e fofa e engraçada.

— E tu? — exclamou Ego.

— A, estou a vivência de um Benedito ou epônimo.

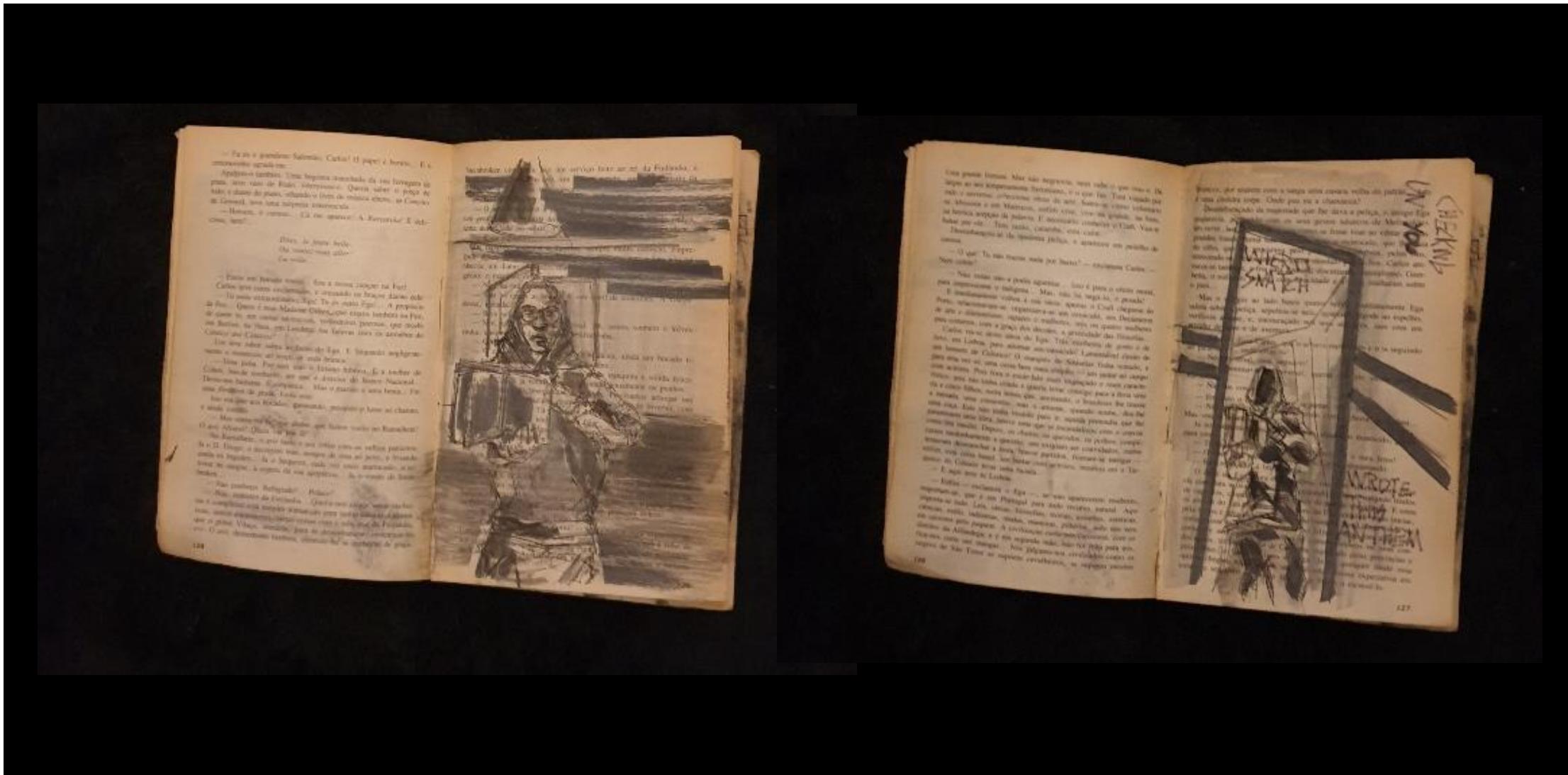
— Como pode ser?

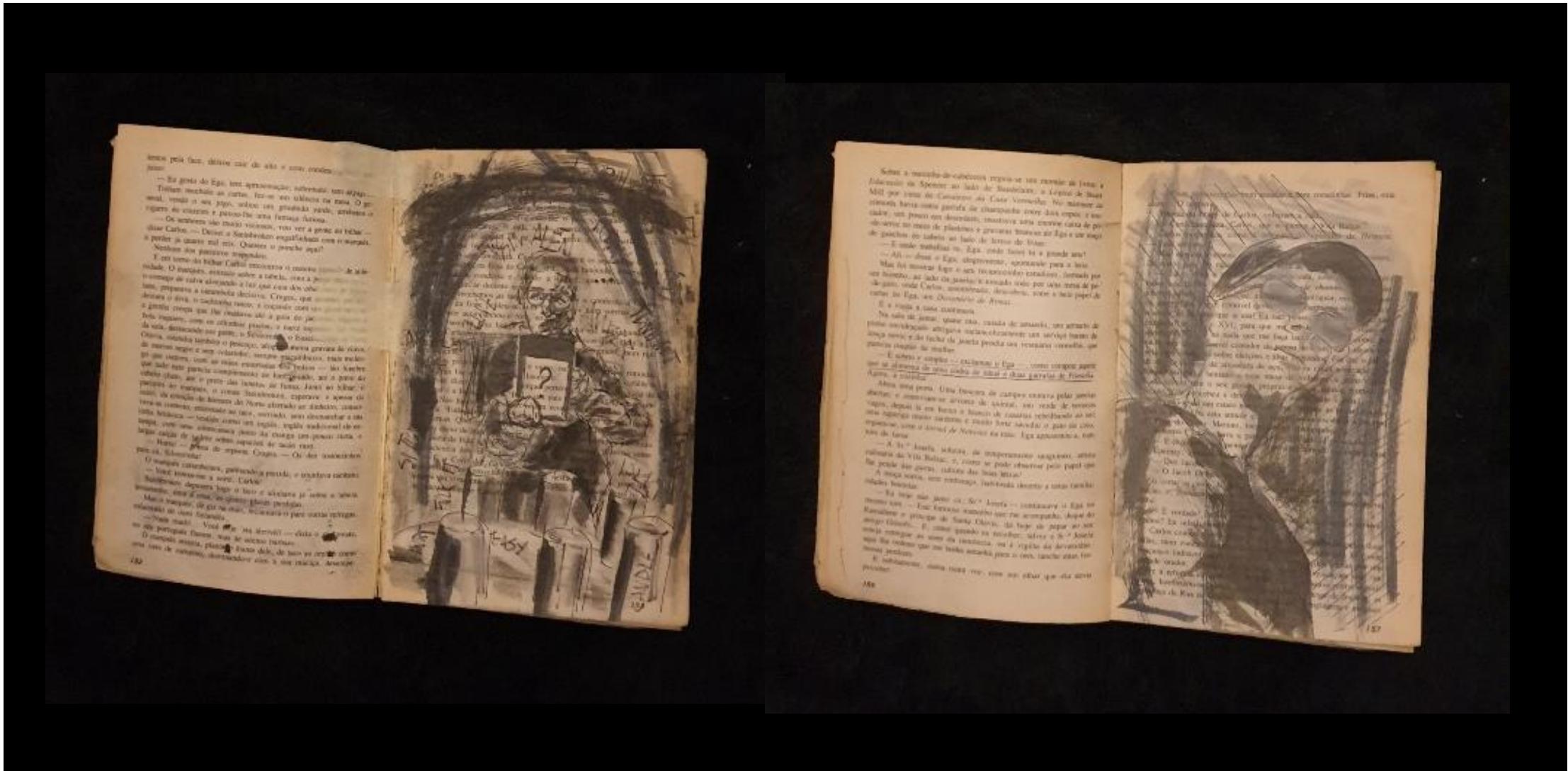
— É só ficar na sala, e ficar a bocanada de ar,

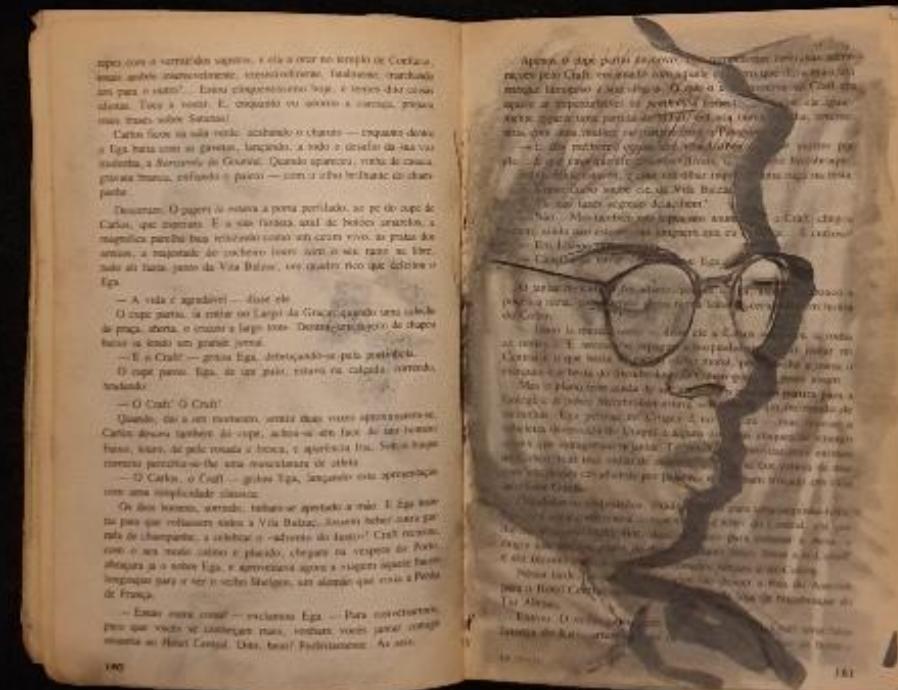
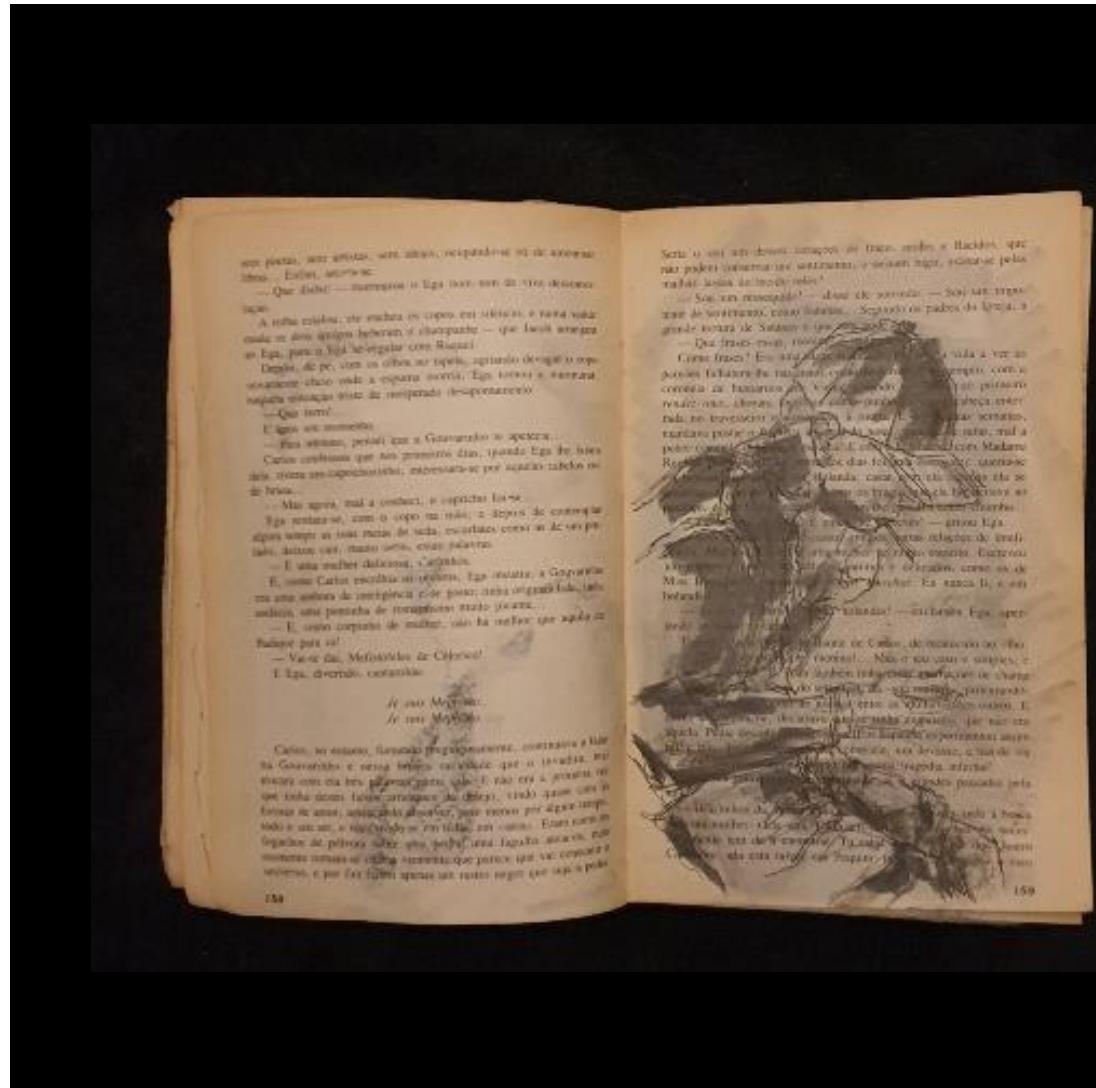
Toma a concordância, só é bocado,

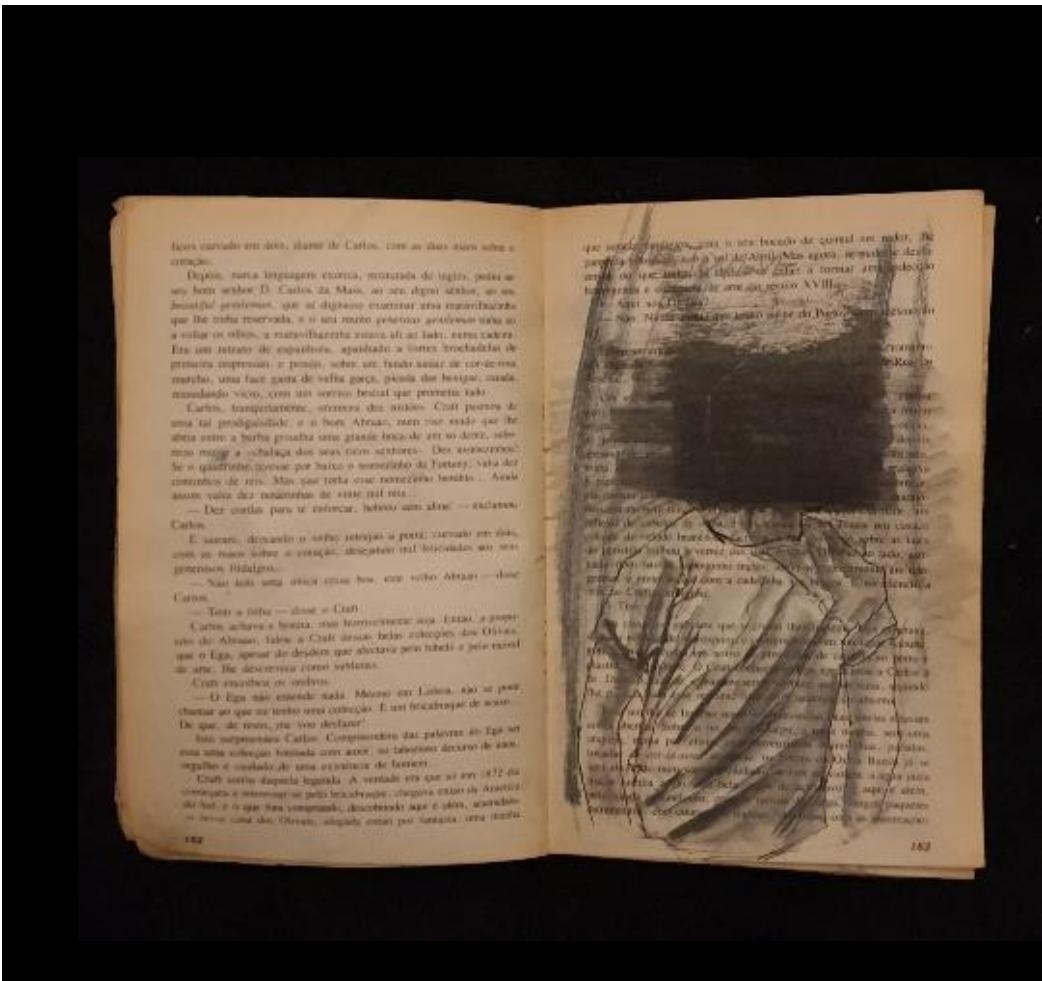
— E tu que fizeste?

Carlos falou-lhe das suas obras, das lentes, das









lugar cariço em dito, diante de Carlos, com as duas mãos sobre o crânio.

Depois, numa linguagem exata, minuciosa de engano, pôs-se no leito sobre D. Carlos da Maia, ao seu digo sexto, os seus *finals* preciosos, que só dignava exibir na sua maravilhosa casa ou que só podia ser visto entre a muralha das ideias que lhe tinha reservado, e o seu muito generoso gabinete tanto na casa os ofícios, a mansidão, a paciência, a sua calma, como a sua cedra. Era um retrato de esplendor, apelitado a todos, frondosos de primitiva impressão, e pensou, sobre isto, mandar sair, por direção do marche, uma face grata de viva paixão, plena del besos, mandando sussos, com os sorrisos beatos que prometia todo.

Carlos, transparentemente, entendeu das intenções. Certo passado de uns tal pregação, e o Senhor Abraão, num respeito real que lhe deu entre a parte grande uma grande honra de ver só devoz, solenmente nascendo a chalma dos seus mero-serventes. Dos sacerdotes, fez o quase mesmo por Sarto o sacerdote do Pórtico. Vida dos costumes de res. Mas, por certo, que inconsciente bendito... Andou assim cada dia de momento de vida, till o fim.

— Dei cordas para te cortar, botou um abra — exclamou Carlos.

E sorrindo o sorriso intenso a ponto curvar-se em dito, com os braços sobre o coração, desejando mal felicidade aos seus preceiros filhos.

— Saí com uma áfrica crua bow, esse velho Abraão — disse Carlos.

— Tens a torta — disse o Cuff.

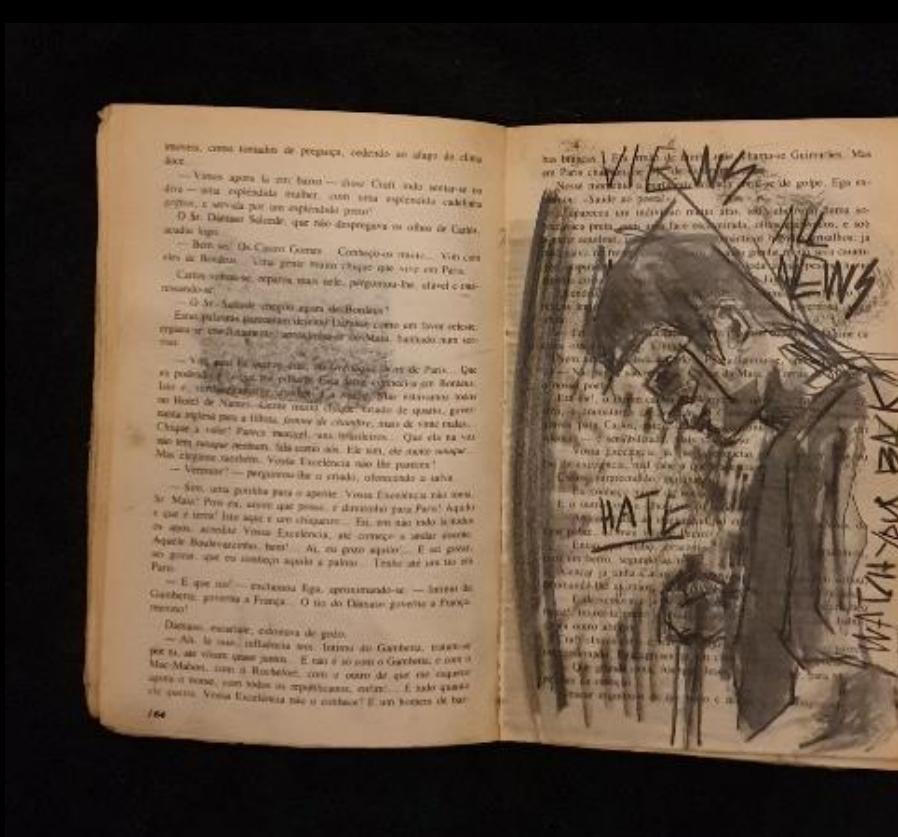
Carlos activou a fronte, mais humeramente, assim: Fazia a impressão de Abraão, talvez o Cuff assim belas estrengas das Ofícias que o Egas, apesar de despois que achava pelo bêbedo a pior raiz de arte, lhe descreveram como velhas.

Cum enxofres os órfões.

— D. Egas não entende nada. Messo em Lissabon, não se posse, chamar ao que se tem de vera religião. E um bêbedo é de santo. De que, de resto, que vos desfaze?

Isso surpreendeu Carlos. Comprensões das palavras do Egas, se era uma colheça formida com arco, só deixou de deixa negativo e constado de uma exortação de ferro:

— Cada come digna legenda. A verdade era que se era 1872 ou conseguiu a independência pelo brado da voz, chegou esses de América do Sul, e a que hora, vencendo, deslocando aquela e aliás, apanhou — levou casal das Ofícias, aliado outras por causa, uma massa.



mentes, como tomadas de pregação, ordenado ao alar de dia-dia.

— Vossa aguda é mi-humor — disse Cuff, sede sentiu-o dire — sua espaldada suave, com sua espessura católica aguda, e servida por um espaldado jato.

O Sr. Doutor Silviano, que não despregava os olhos de Carlos, acudiu logo:

— Bom sei! De Castro Gomes. Continuação-mais... Vou certos de Breda. Vira gente mala-chaga que vive em Paris.

Carlos voltou-se, separou mais tele, pregou-lhe, olhou e emendando:

— O Sr. Antônio, cinquenta aguas de Breda?

Esse palavrão permaneceu devendo dar-lhe como um bizarro espanto ou encantamento, semelhante ao Mar, fazendo-lhe amar.

— Vou assim, leva-me para o convento, quer dizer, de Paris... Que se possa, o que me valha. Esta gente exerce-se em Berlim, isto é, em Berlim, e Berlim é a capital da Alemanha. Mas entramos John no Hotel de Nantes. — Carlos, muita chuva, triste de quinta, gente nata inglesa para a liberdade, festejando, rindo de vento ruivo. Chaga à voar! Fazia mangue, sem rebentos... Qual era lá vez que me trouxe ventos? Ida mala-de-vento. Ele sei, de agora adiante, que nascem ventos. Vossa Excelência não tem punhos?

— Vermelhos — pregou-lhe o criado, observando a tafeta.

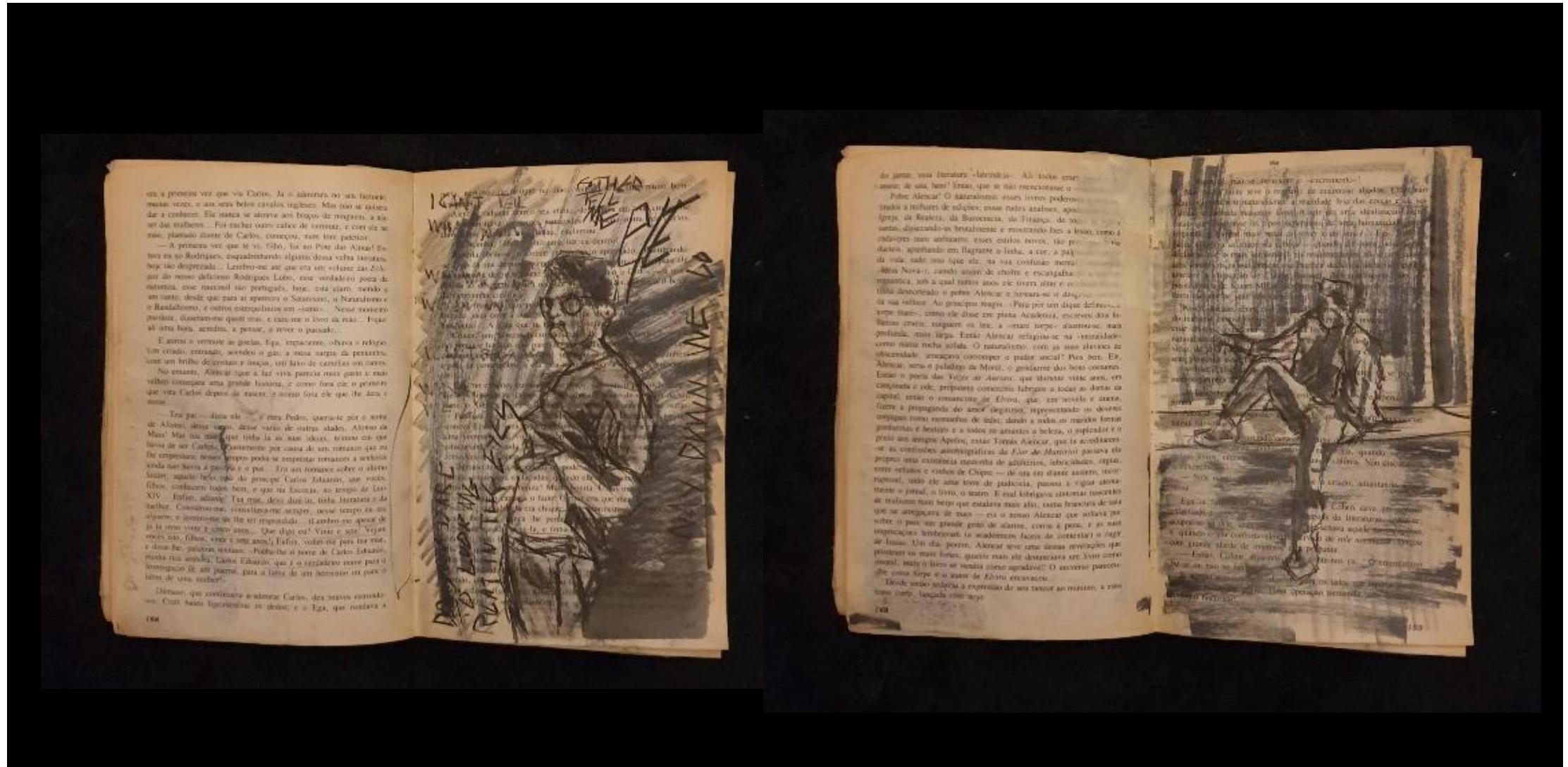
— Sim, assim, passava para o apêndice. Vossa Excelência vai assim. Sr. Maia. Pra mim, só tem posse, e direito para Paris. Apelo e que é terra! Interage com um criado... Entretanto não é tudo de novo, acredita. Vossa Excelência, até consegue a maior escuridão. Aquela hidrelétrica, hein? Ah, eu preciso apitar... E sei quando se passa, que eu contigo aquela a palavra. Tenho que ir no Rio Paris.

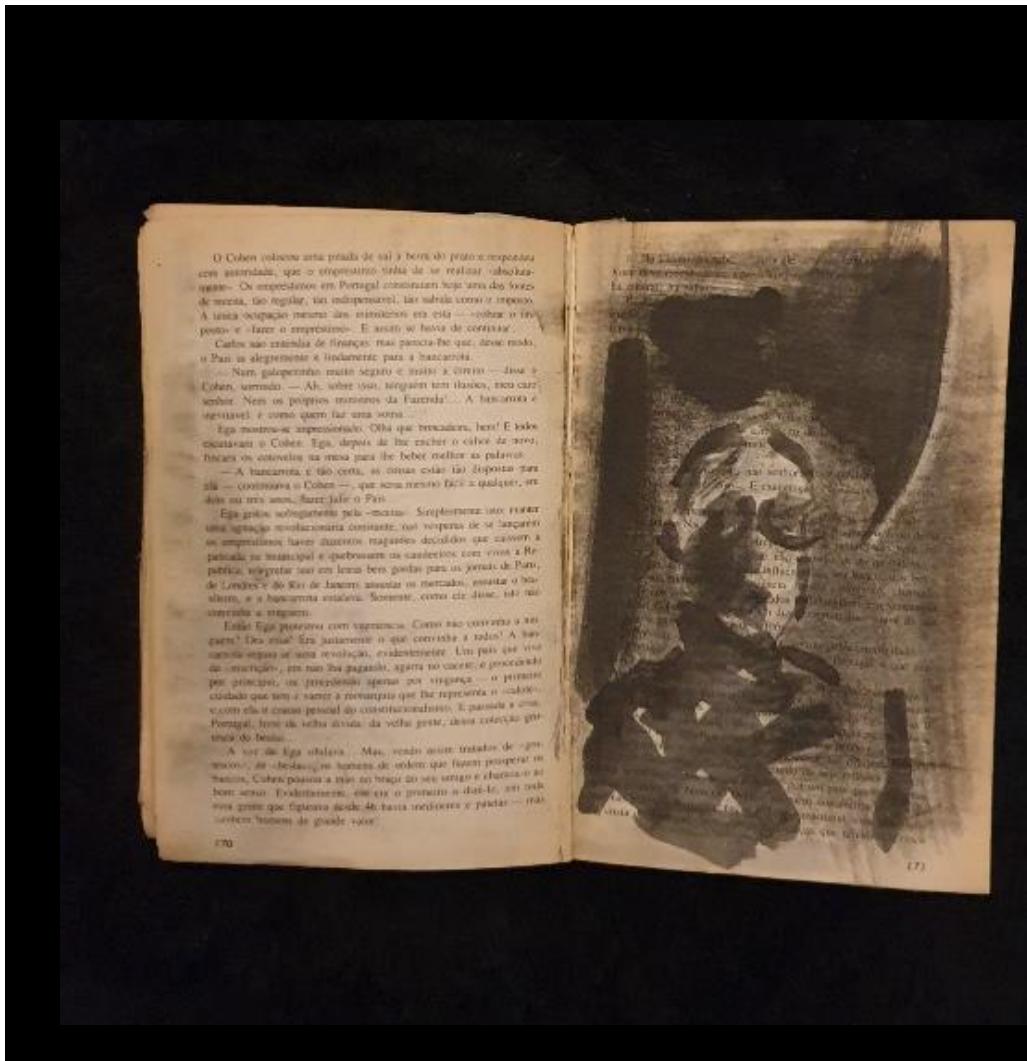
— E que mal — exclama Egas, apressadamente — levara de Gondomar, governo a França. O tio do Doutor governa a França-meu!

Dançou, exultante, exultante de prato.

— Ah, é isso, influência tem Júlio do Gondomar,

mas por si, ali vivem quase juntas... E não é só o Gondomar, e nem o Mac-Mahon, nem o Rothschild, com o resto de que me expõe agora e nome, com todos os repulhicos, entende... E não quase só para... Vossa Excelência não o conhece? E em todos de bar-





O Cohen colheu uma prada de sal e bora do prato e respondeu com arrependimento, que o imprestado tinha de se regular, ressaltando: Os imprestatos em Portugal costumam ter uma das forças de mera, tão regular, tão indispensável, tan sólida como o imenso A unica ocupação permanente dos imprestatos era esta — cobrar o imposto e — fazer o empréstimo. E assim se havia de continuar.

Carlos não cravava de finanças, mas parecia-lhe que, desse modo, o Pan ia elegermente e lindamente para a bancaria.

Não palegrante muito seguito e malte a correr — disse o Cohen, sorrindo. — Ah, sobre isso, negocie um diaxio, meu caro senhor. Nem os próprios ministros da Fazenda! A bancaria é inviolável, e como quer faz uma soma?

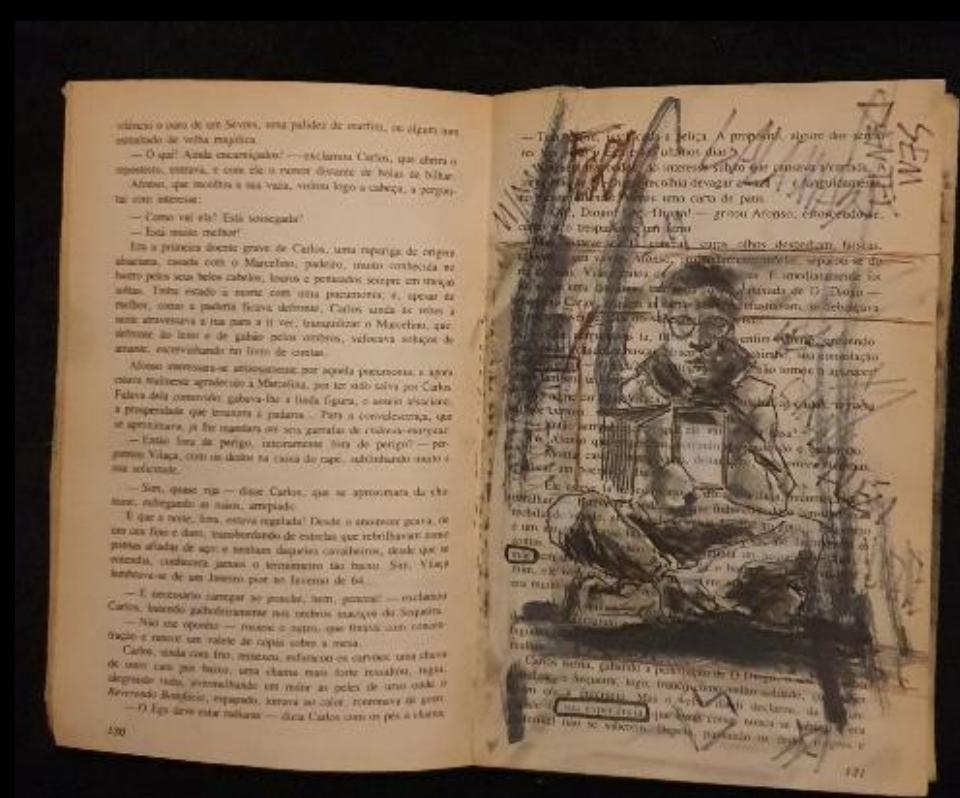
Ela mostrou-se impressionado. Olha que bancaria, hein! E todos encaravam o Cohen. Ela, depois de lhe rachar o cinto da cova, ficasse os cotovelos na mesa para lhe beber melhor os palhaços.

— A bancaria, é tão certa, os cíntios estão lá! deposita para ali — continuou o Cohen —, que somos mestre fez a qualquer, até dia no mês amanhã, falar jafe o Pan!

Ela gritou, soltamente pelo escritório. Simplesmente, não podia mais aguentar revolução alguma, nem esperava de si haveriam os imprestatos fazer outros maiores descalcos que causassem a perda da independência e quebravam os cíntios com o rei a Republicano, negraria sua em leva bem pôrás para o jornal de Paris, de Londres do Rio de Janeiro, assentir os mercados, esvaziar o bolso, e a bancaria estaria. Senteente, como ele disse, só me interessa a imprensa.

Então Ega pôs-se com imprensa. Como não convém a imprensa? Deus meu! Era justamente o que convinha a todos! A bancaria exigiu a nova revolução, evidentemente. Um país que viva da mercadoria, em vez da pagada, agora não consegue o preceito por princípio, ou, pelo menos, aposta por imprensa... o preceito cidadão que tem e quer e resumpia que lhe representa o cidadão, e com elas o cidadão passou ao constitucionalismo. E passou a essa Portugal, fronte de velho mundo, da velha gente, dessa religião grande de bolas...

A voz de Ega abafou. — Mas, vendo assim, tratados de guerra, de desfaçam, os homens de ordem que falam prosperar os bairros, Cohen posso achar o brigo no seu sergio e chamar-lhe ad hominem. Evidentemente, em vez o preceito a dali-lá, em vez disso grande que figura nesse de hama medocino e pastel — mas certos bairros de grande valor.



silêncio o bolo de um Sivres, uma paixão de marfim, ou alguma ave estranha de volta majestosa.

— O quê? Andá encarregado! — exclamou Carlos, que abriu o apontador, empurrou, e correu de o comezinho de bolas de bilhar.

Amar, que mostrava a sua cara, voltou logo a cabeça, a perguntar com interesse:

— Como vai ela? Esta sonnegada?  
— Esta malta melhore!

Era a primeira dicens grava de Carlos, sem rirgaria de emprego, casada com o Marcelino, padrinho, matam cordeiro no bolo pelas suas belas cabedais, louras e penteadas sempre em meia volta. Tudo vestido a ronda com uma paixão, e, apesar de pobre, como a padrinha fraca ultimata, Carlos, ainda se votou a nome atravessava a sua pan a ti voz, tranquilizar o Marcelino, que devorava as bolas e de galho pelas orelhas, valhava amigos de arreio, excedendo em farto de contas.

Almoço interrompeu-se atropeladamente por aquela paixão, e assim para traseira apressaram-se a Maratona, por ter sido calvo por Carlos Faria des controlor, gabava-lhe a bela figura, e assim associou a prosperidade que lembrava à padaria... Para a coincidência, que se apresentava, já fui mandar os seis garotos de chocalhos-vigias de —

— Estão fios de perigo, interrompeu fio de perigo — o pequeno Vilaca, com os dedos na caxa de rapé, subordinando malu a sua solidez.

— Só, quase nis — disse Carlos, que se aproximava da churrasco, soltando o maior, amplexo.

— E que a noite, lura, estava regalad! Desde o aniversário gorda, ou em casa fio e diam, transformado de estrelas que rebiblavam as suas pontas afiladas de aço e sentiam despojos cangrejinhos, desde que se sentava, cozinhar, jantar, o lençolinho tan baixo. Sua Vila, lambuzeada de um Japonês por an Japonês de 64.

— E necessario cumprir as juntas, lura, juntas! — exclamou Carlos, levando galhofolmente nos testes, maxilar do Sopatra.

— Não me opõe! — roeu-se entre os dentes, com a entrecotada e rosas um rolete de caviar sobre a mesa.

Carlos, ainda com fio, ressecou, solucionou os caviaros, uma charra de caviar, cara por bolas, uma charra, mas forte ressalva, rígida, desprotegida, envergadura em molhe as peles de uma onda o Arrependido Bonifácio, esgarado, levava os olhos, resmava no grau.

— O Ega deve estar solitário — disse Carlos com os pés a charra.

Carlos sentiu, galardo a perfeição de D. Domingos, que se sentiu.

— Segundo, Ego, transformado em solitário, não querer mais achar — exclamou. Mas o Sopatra, que declarava de novo que o seu dono não se sentia, D. Domingos, partindo no meio, ergueu

SEN  
SEN

SEN

SEN

SEN

SEN

SEN

SEN

SEN

SEN

SEN

SEN

SEN

SEN

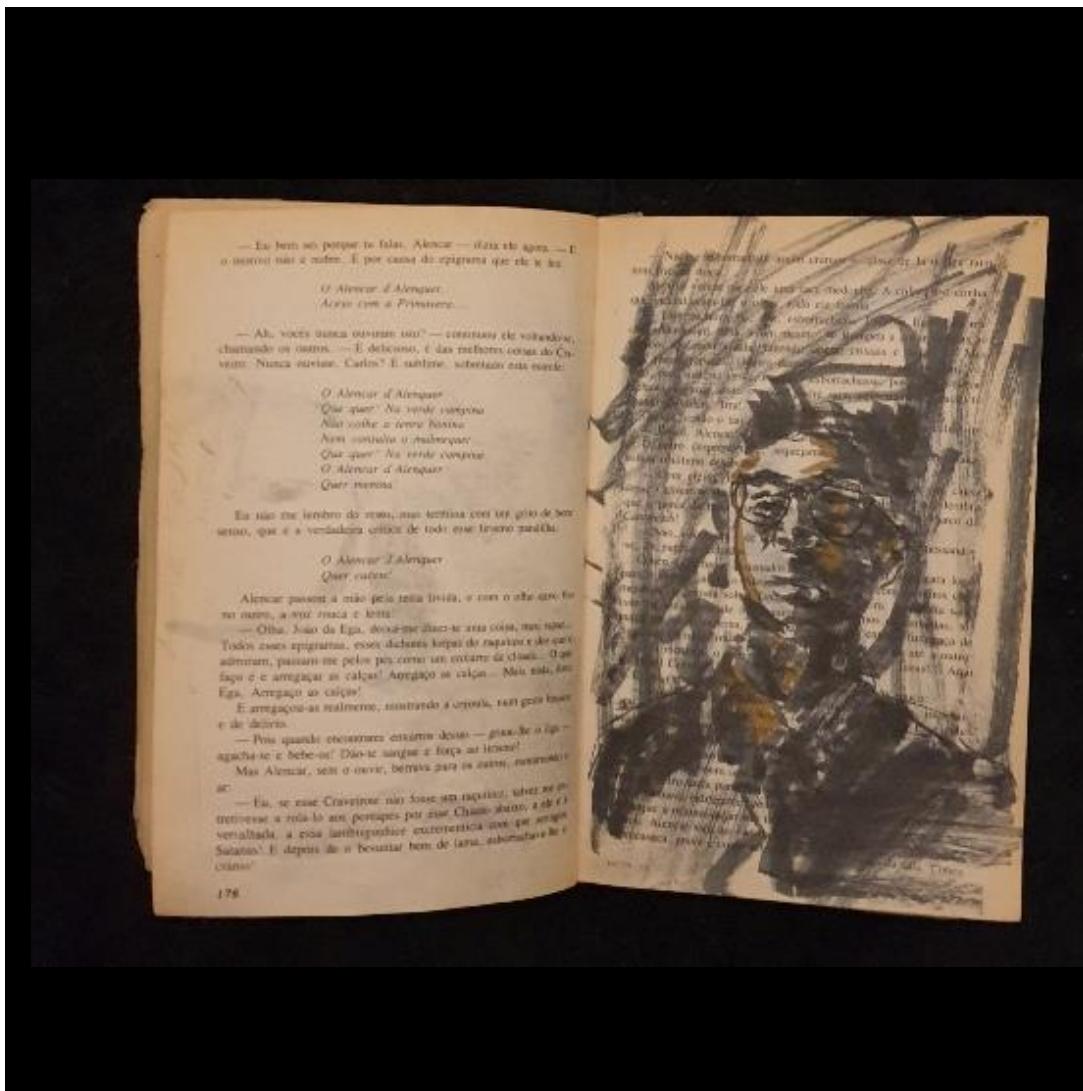
SEN

SEN

SEN

SEN

SEN



— Eu bem sei porque te fala, Alencar — disse ele agora. — E o mestre não é mártir. É por causa de epígramas que ele e os

O Alencar d'Alenquer  
Acessó com a Princesa.

— Ah, vocês nunca ouviram isso? — retomou de volta, chutando os outros. — É delicioso, é das melhores coisas do Oriente. Nunca ouviu, Carlos? É sublime, sobretudo nessa maneira:

O Alencar d'Alenquer  
Que quer? Na verde campina  
Não corre a vermelha besta.  
Nem contado o almeique  
Que quer? Na verde campina  
O Alencar d'Alenquer  
Quer menina.

Era só me lembrar do resto, mas tentava com esse grito de seu senso, que é a verdadeira essência de todo esse frenesim paródia.

O Alencar d'Alenquer  
Quer cunha!

Alencar passou a mão pela sua livraria, e com o olho avançou para cima, a voz rica e forte.

— Olha, João da Egas, desculpe-me dizer-lhe uma coisa, mas não. Todos esses epígramas, esses diabos! leigos de sapateiro e de caroço almeique, passam-me pelos peixes como um roçante de clauda... Que fogo e é arraigado as calças! Arraigado as calças... Mas não, João Egas. Arraigado as calças!

E arraigou-as realmente, mordendo a carne, com garras finas e de dentes.

— Pois quando encontrarei encontro desse — gritou, de ombro — agachá-te e bebe-o! Dão-lhe sangue e força ao lençol!

Mas Alencar, sem o mover, berrou para os outros, resmungando:

— Eu, se esse Coimbra não fosse um rapazinho, saberia penetrar a tua lá am pernas por esse Chão aberto, e de O versalhado, a essa lamborgninha extremamente que arraga Sátanas! E depois de ti bechar bem de lava, abremava-lhe o crânio!

178

Neste momento, todos cravaram os olhos naquele homem.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Entendido, João da Egas. Mas é que eu sou um homem que não tem medo de morrer a morte de um homem que não tem medo de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Entendido, João da Egas. Mas é que eu sou um homem que não tem medo de morrer a morte de um homem que não tem medo de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Entendido, João da Egas. Mas é que eu sou um homem que não tem medo de morrer a morte de um homem que não tem medo de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Entendido, João da Egas. Mas é que eu sou um homem que não tem medo de morrer a morte de um homem que não tem medo de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Entendido, João da Egas. Mas é que eu sou um homem que não tem medo de morrer a morte de um homem que não tem medo de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Entendido, João da Egas. Mas é que eu sou um homem que não tem medo de morrer a morte de um homem que não tem medo de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Entendido, João da Egas. Mas é que eu sou um homem que não tem medo de morrer a morte de um homem que não tem medo de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Entendido, João da Egas. Mas é que eu sou um homem que não tem medo de morrer a morte de um homem que não tem medo de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Entendido, João da Egas. Mas é que eu sou um homem que não tem medo de morrer a morte de um homem que não tem medo de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

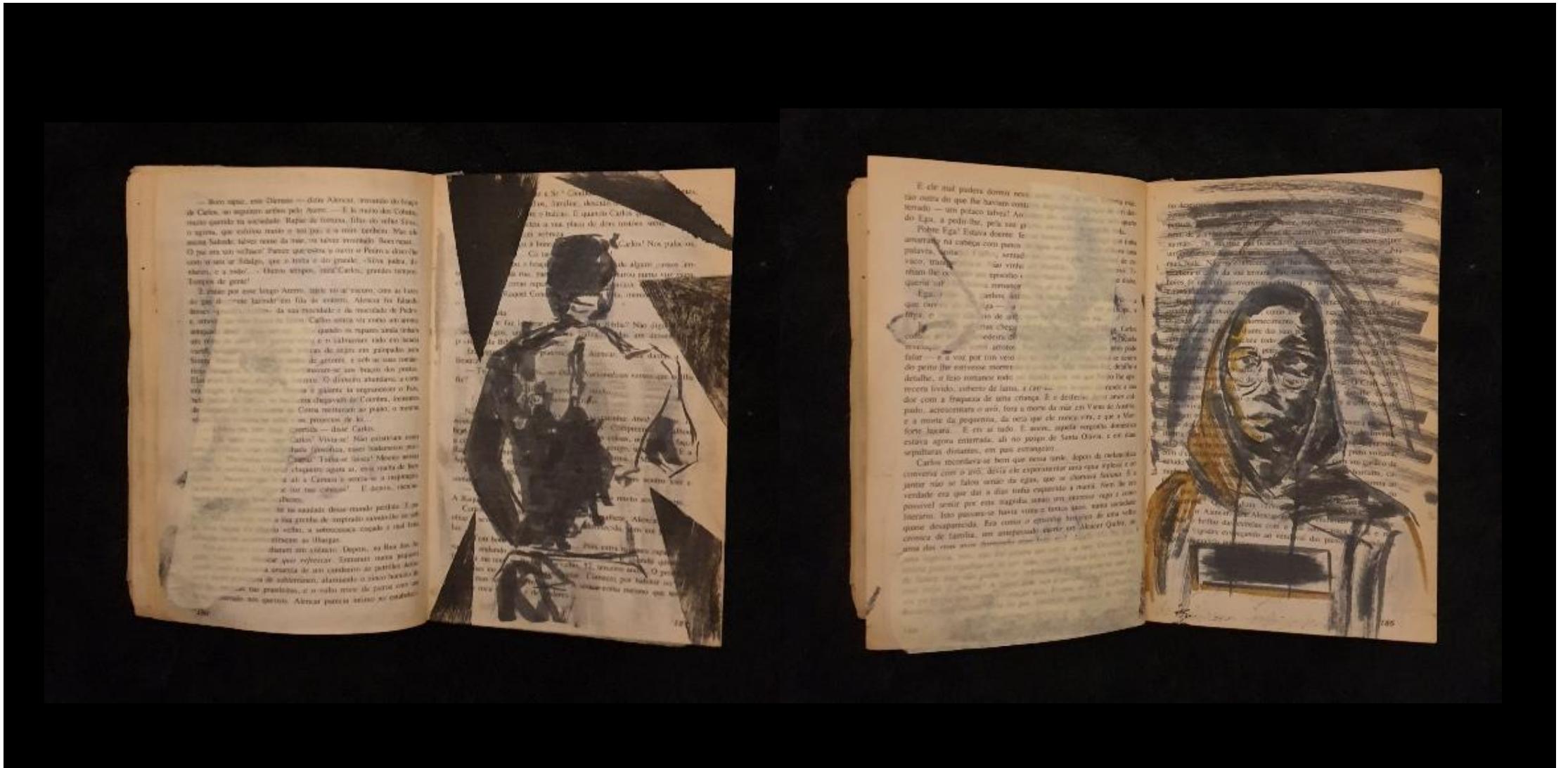
— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

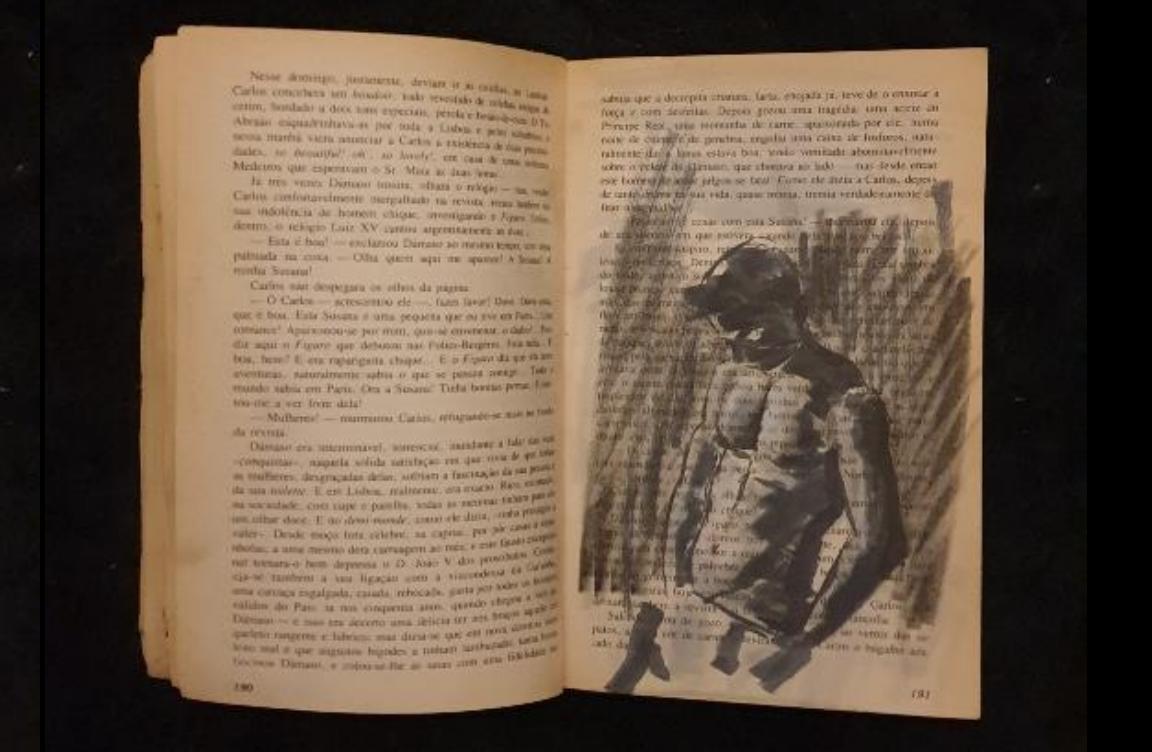
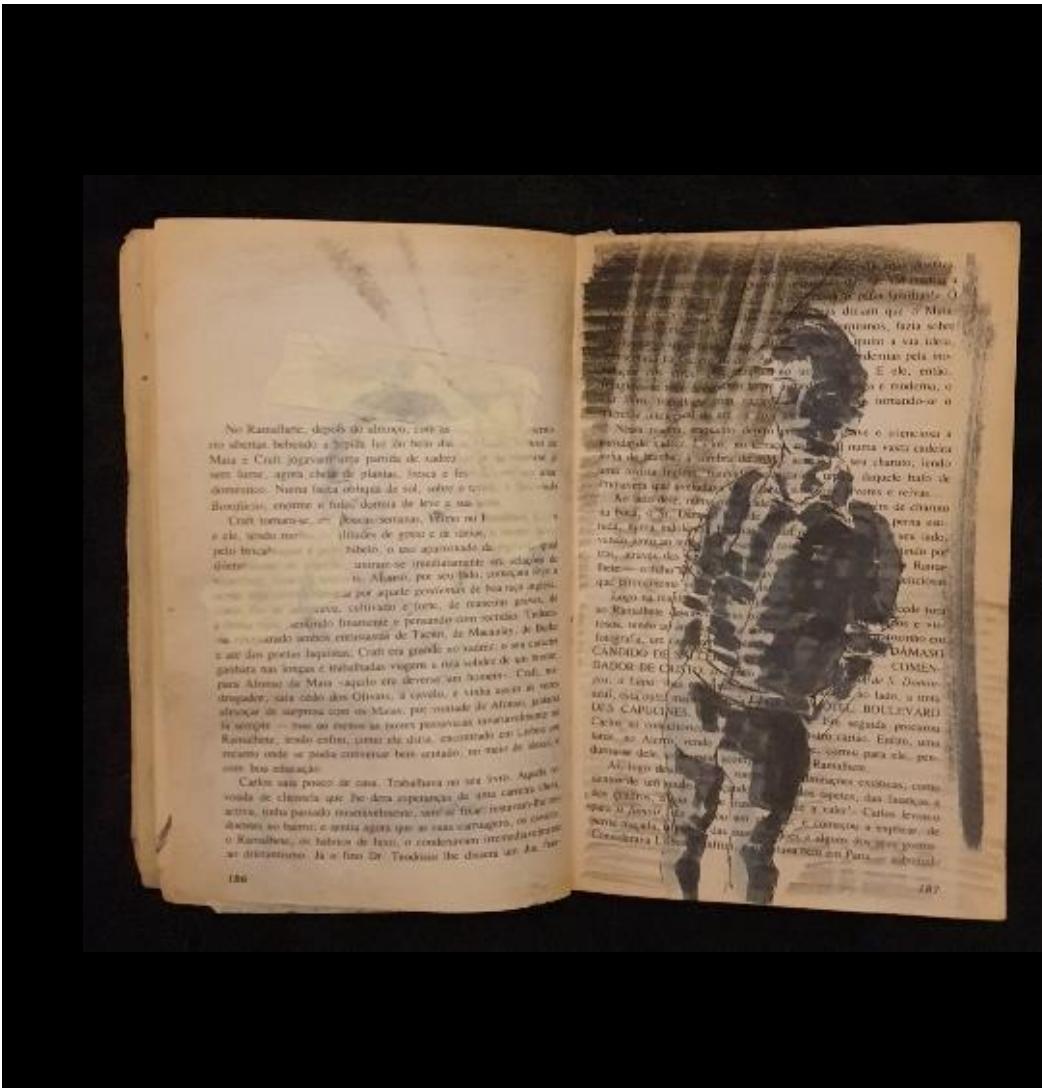
— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

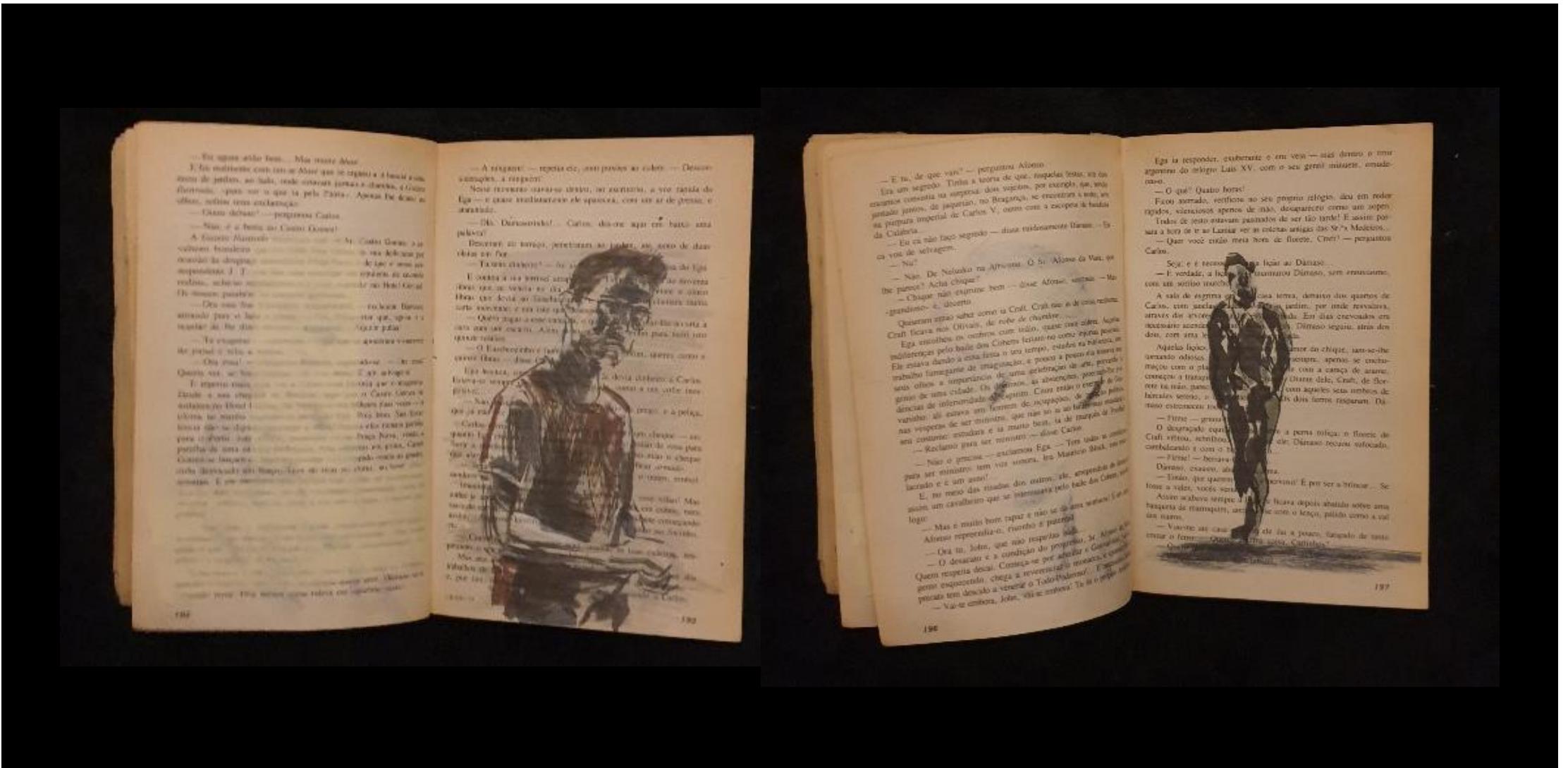
— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.

— Vou mandar-te uma faca, meu filho. Ainda que tu cumbras o que eu quero, tu tens de morrer.







— For ignore ainda bem... Mas respeito-lhe.

E foi matutino com o rei Alfonso que se erguiu e abriu os olhos de juntas, no lado, onde estavam juntas as duasas, e disse: — Sentei-vos lá que se pelo Pará. Apesar de dizer as duasas, sólida terra exuberante.

— Olhou deparaíso? — perguntou Carlos.

— Não, é a horta da Cozinha Doméstica.

A Cozinha Doméstica

consistiu, basicamente,

consistiu da cozinha:

cozinheira J. T.

reduzida, achada no

de duasas, passável.

Ora essa! Sou

atendido para o lado

traseiro da horta das

— Te encontrei

de juntas e, talvez,

Outra vez! —

Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

E respondeu:

Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna

pôr a janela, que

é que é que é que

Quando se impõe

anda deitado no chão, que é que é que

sentado. E que é que

— Quanto vira, sei bem.

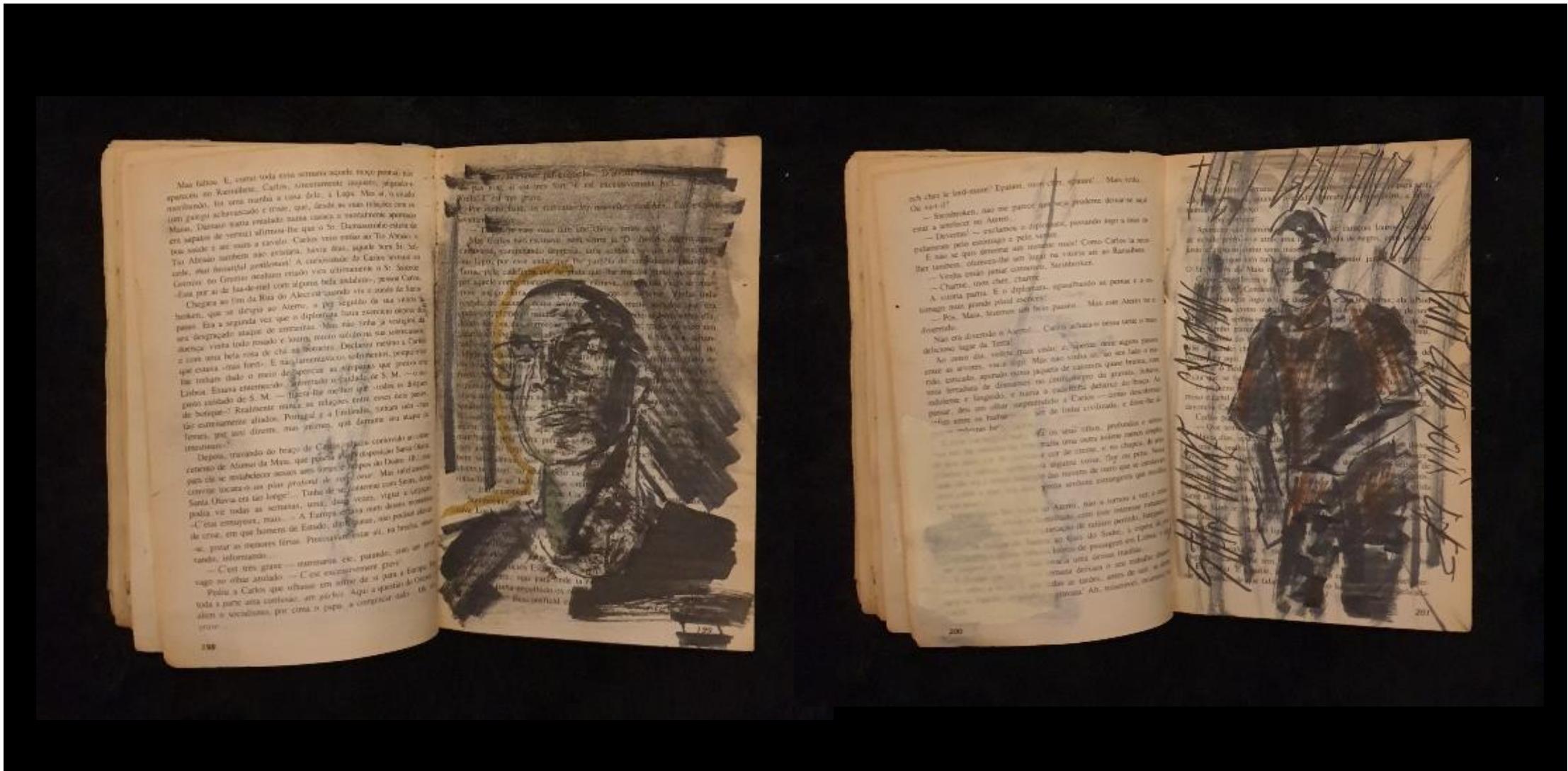
E respondeu:

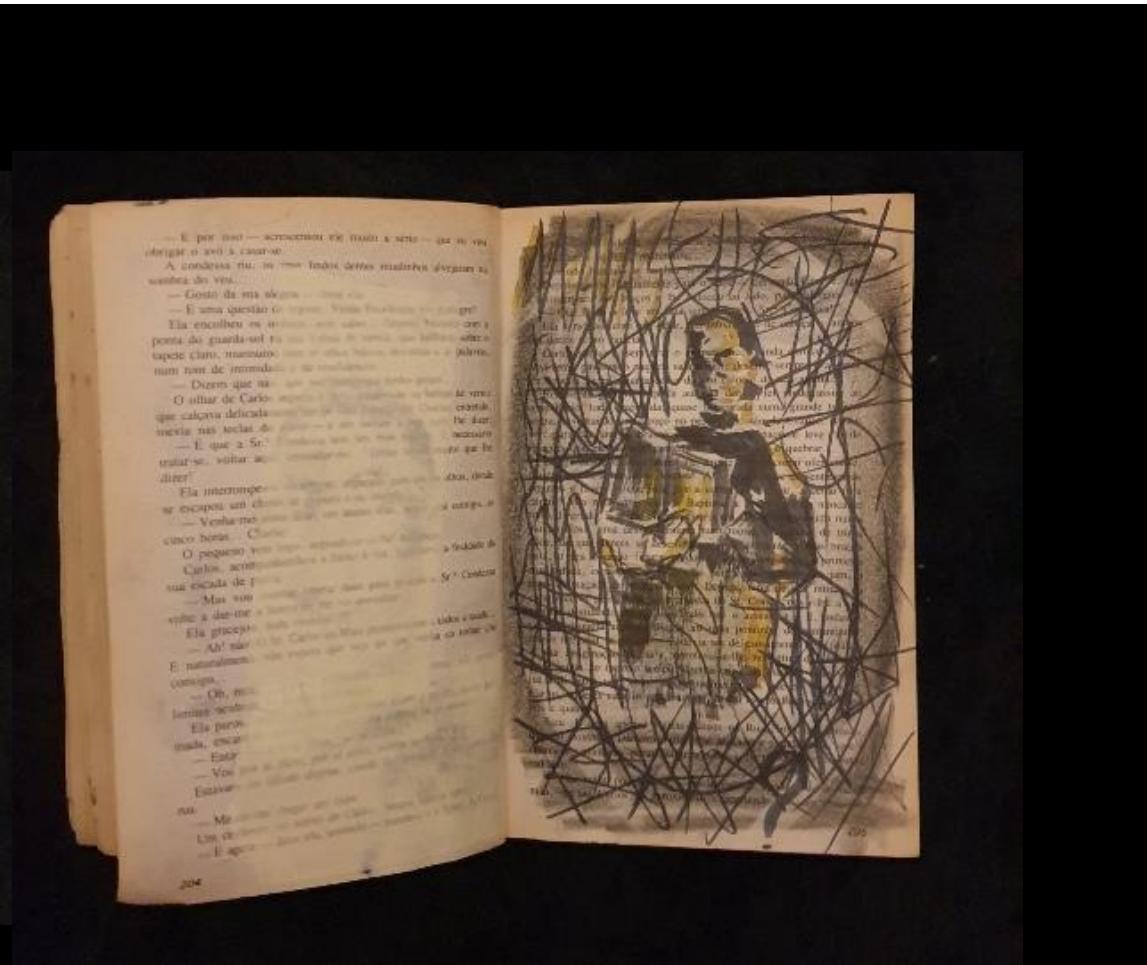
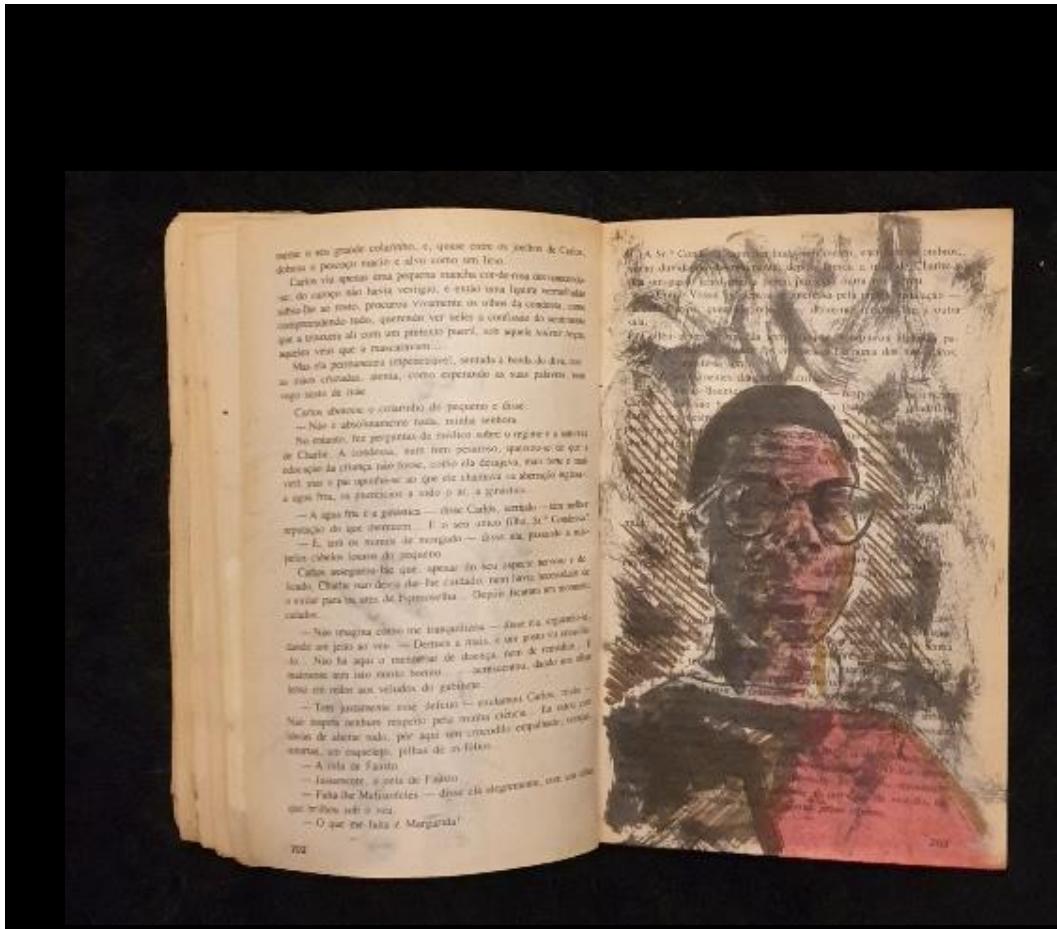
Dando a sua cara

saudade ao Doutor I.

Eleito, no Mato

louca, só se digna







— Teste andado muii mentiras! Eu li certas! Unas  
dicas... Mas é lo confundir... Tem andado com a vila! Bem lá, a  
“Calçada”!

A parelha abafou; ele ainda se debraga de pertinho, aperta  
mai, grava no rosto da res:

— Um romântico dirige, chaga a valer.  
Jumento, mas depois, se fizeram, se vila de São José  
que achava de bôto o vassoura, pegava-se passando o fio e agi-  
tando o cacheiro.

— E novas de novo! Dafano? Já se esclarece e esse novo  
se desaparece?

Carlos estiver contente, contente, abraçando a raposa  
atrizando-lhe da portinhola da cama, sei plêia Rio Nova de Anápolis  
a menina de um romântico. Vídeo?

— Bem sei — disse o Taveira.

— Coisa abafada — exclamou o Carlos.

Taveira virou-se, nou grande levada da Copeira  
com uma espécie de rufar, mais elegante e que parcia conjugada.

— Ora essa! — gritou Carlos. — E com essa cabideira mesmo!

Exatamente, uma cadeirinha encolada, uma grifez de pa-  
raíba.

— Quem vai?

— E um rapaz magro, de bucha avessa preta, que tem a capa  
sabot?

— Jumento... Abraço começo, am se apoiar. Que puto!

— Uma gente brasileira, peso sór.

Então o Carlos Góes, desconfiado por causa das  
spessas duas semanas que no terrão o Durango, os jardins rebocava  
bem para cima Carlos Góes e os suas adoradissimamente, a  
pela outra formosura do Taveira — real o marquês capas a  
do fundo de portaria onde se entrou e que é sôr a casa de  
Carlos sobre o grande acenamento desses malha na flopa da  
rua. Na Gávea (fluminense). Cachos não vira, essa raposa  
vira jorna heróis.

— Então não lhe dissem nada — gritou o raposo. — Vai só  
surpreender! Da-ha a Góes? Manda bacana a Góes!

Taveira pulou a cordão de campanha — e quando o raposo  
entrou a Góes, ele apertou-se dela, quis fazer uns beijos, mas

— Deixa-lhe ver premarido — retrato — herói e herói, rapo-  
so!

— Pritim o alegó! — exclamou o Taveira, despedindo-se  
— jorna atrá das... 206

— Dizesse uma coisa, assim visto tu o Durango, com essa paixão  
Para que lado vai?

— Iam pelo Chalé aberto, sentaram, as duas longas, duas  
convergindo que iam para São Paulo. Lascavam nova malha no lado, e  
ainda se uma estrada mais vêde como uma menina maior. Aquela mo-  
ça é só a São Paulo. E a malha é d'elas! Que moça, que a, se  
chape! E uma Vênus, menino! Criança constante ele apela!

— Em Brasília, menino paquera, mas sei onde!

— Eu dei que grana dia desse leva que ele se ia darla por aquela

Chalé! Compreensão para a dama, compreensão para a esposa.

A desfrapar, a falar muita batida para a malha, com elas

clarinhos, compasso.

— Que bento! — exclamou Carlos, bateu-lhe com o pé no topo

Churrasqueira — affez o Taveira. — Vira a Góes, pa-

caso, sua malha em juba e menina, e o ele que a confusa, e

que vai com ela para São Paulo! Churrasqueira!

— Ande da vez a presidente do Brasil!

Taveira ultimamente imobilizado — deitado, no Berlitz —  
levava agora ali, as velhas, partidas amarradas, soltando quando apertava  
o manguito. Puxou a paixão do Taveira que bateu o manguito.

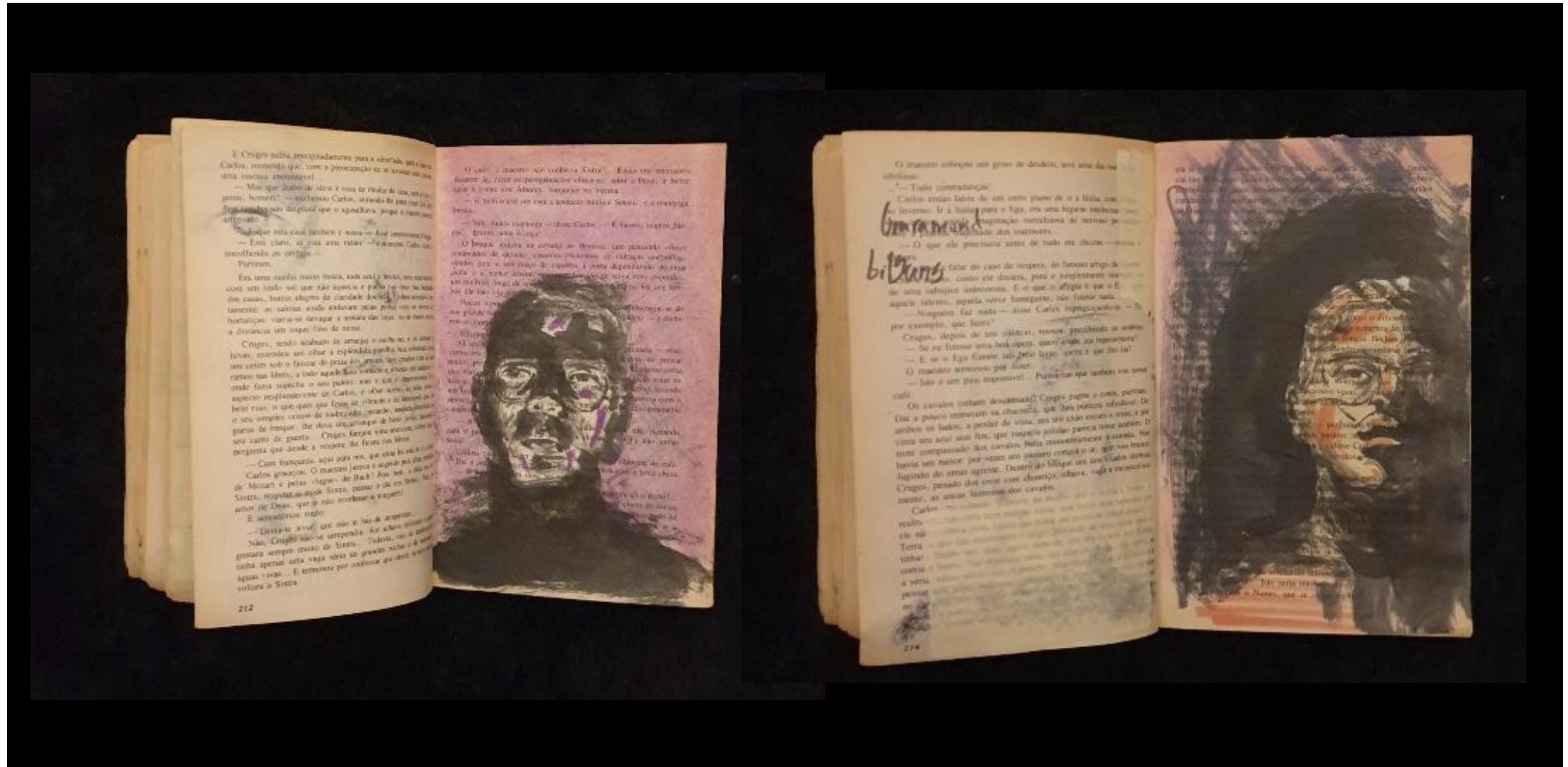
Mas foi necessária que o manguito amarrado de bocanha se des-  
colou o arranhado com que estava aderindo-lhe o Chalé — que se  
também de paternidade, de cachorro no paço e como as de sono, impossível  
por meios naturais. Fazendo o prazer do amigo de Egi, da des-  
cida de capos, morrido. Da morte faltado de Deus, de Góes, de  
do seu falecido preguerinho Pássaro, e agora metido a comunista.

Segundo ele, era o sonho da polícia. Todo o arrejo Chalé  
algumas com amarras! Nau, a mão sete vez traído da Raia do Chalé

entrambado no Taveira, que o privava para a morte — só de con-  
sciência é isto questão de educador. Aquele se corria os manguitos

solto em silêncio por ser triste um artigo aprendeu a escutar  
como se aprende a ouvir ouvir em todos os lados. Quantas as mili-  
cias! Na revolta da gente é apenas simbólico da cultura, ou da litera-  
tura? Ah!, você querido levar outra nova, só chegará novas a de um  
passeio! Preferencialmente, sór todo mundo.

Egi, apressadamente, saiu da mesa. Tiveram segundas, mas  
as pedras — quando a porta da sala apertou e correu de farrapos  
de casaca e crachá, gravado sobre o colarinho branco, suas canas





Eufórico tinha apresentado o seu amigo Palma e o seu pai, Palma, vestindo o nome conhecido de Carlos da Mata, que não era de todo grande homem, quer era um grande ladrão. Só que longe a grandalheira, atrevidos para finta e cabra e de por dentro a Carlos os deder roda e de andar ruivo; violaram-lhe o gosto para os roubos, mas solenemente.

— Se Nossa Excelência é servida, é seu comando. Quando a gente vê a Serra, já para além o apetite é farta sua barriga...

Carlos apagou-se, e lá retrucou. Mas Coche, que se animava, respondeu com a Lata, no tombo do oco: Isto é rouba a rouba.

— Carlos, quem que consegua aqui a Andorinha Lata, malta amiga, e a senhora Coche, que es live agito o pínta.

Carlos xando impermanente as caras.

O mulhinho da Coche respondeu acenando os dedos dos pés de trás rumo, pesada ao almoço, avolumada nele ali, só faz uma pausa, com os conchos tingendo a costa, os dedos pintados mesmo entredos, era lousado. Apresentando os dedos para Lata, foi arrebol, fez de senhora, ergueu-se, olhou a Carlos e saiu suada. Depois, removendo o copinho, dende um jato de passado iluminado, com uns requeijões de cítricos, que cortava de trás Carlos.

— Não ha evitado assim certa Encarnação!

Sim, Carlos riu-se essa hora... que era triste dia, dia de Encarnação?

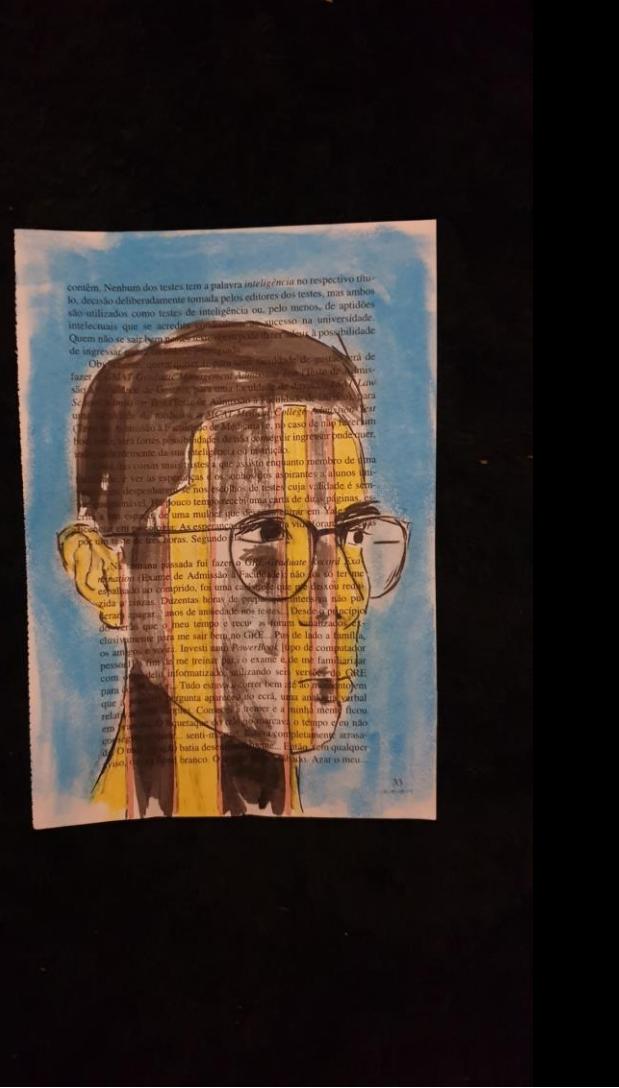
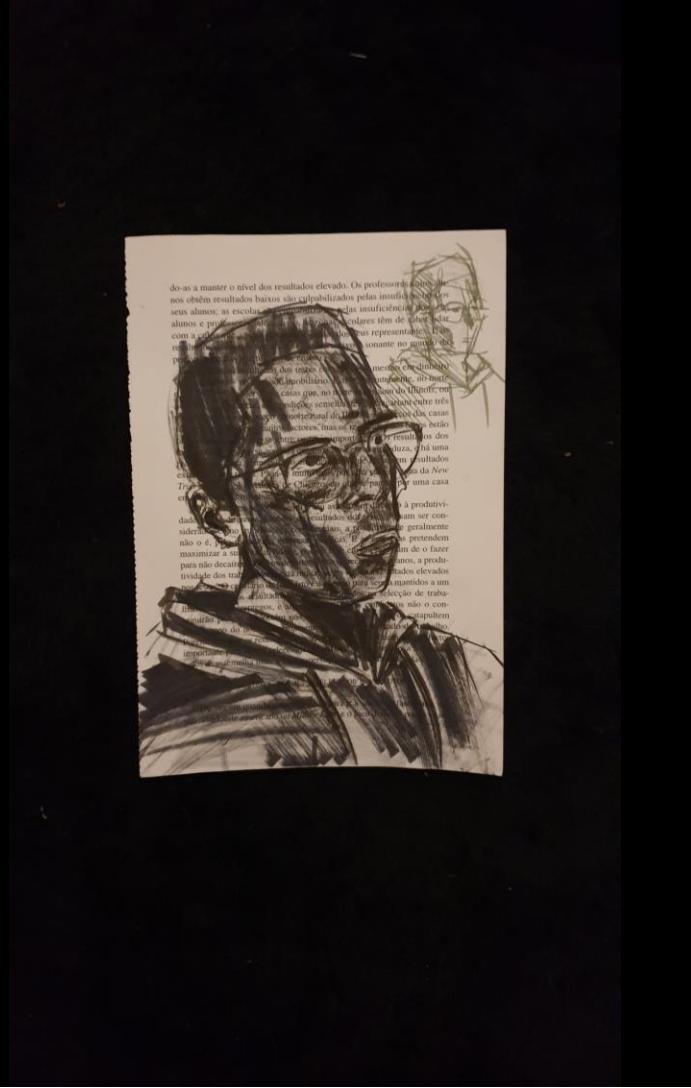
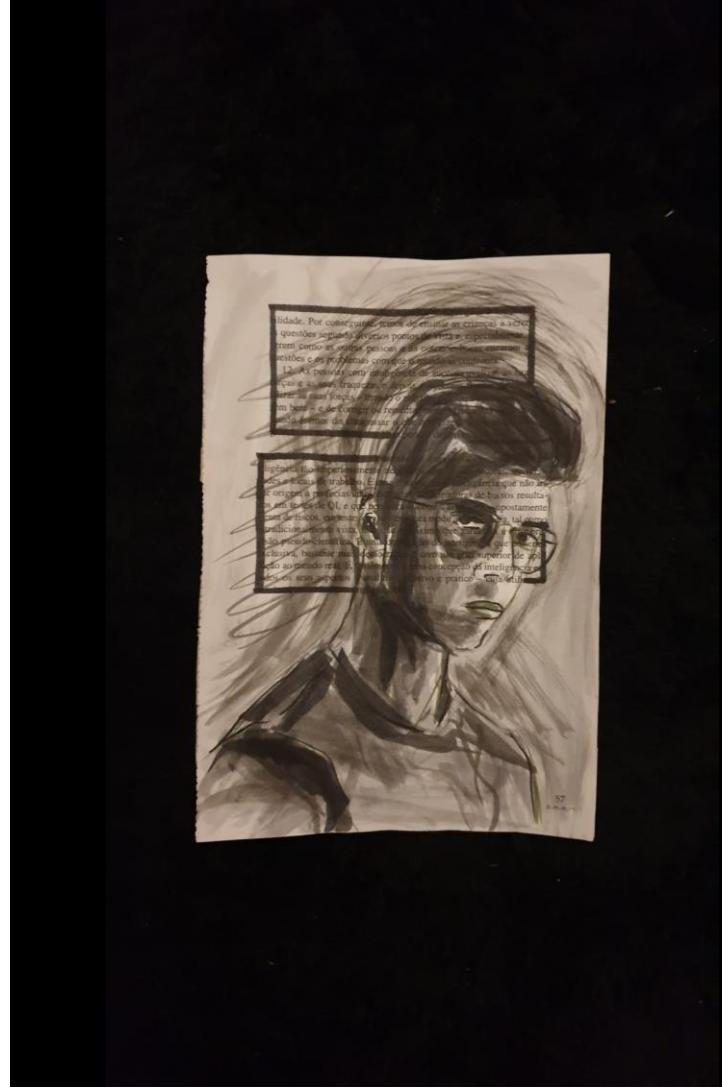
A Lata sorriu com friaria, ficou sózinha da matrona. Se acordava que Carlos ignorasse o que era festejada Encarnação. Enfim, removendo por dizer que a Encarnação causa aquela coitada Saldanha.

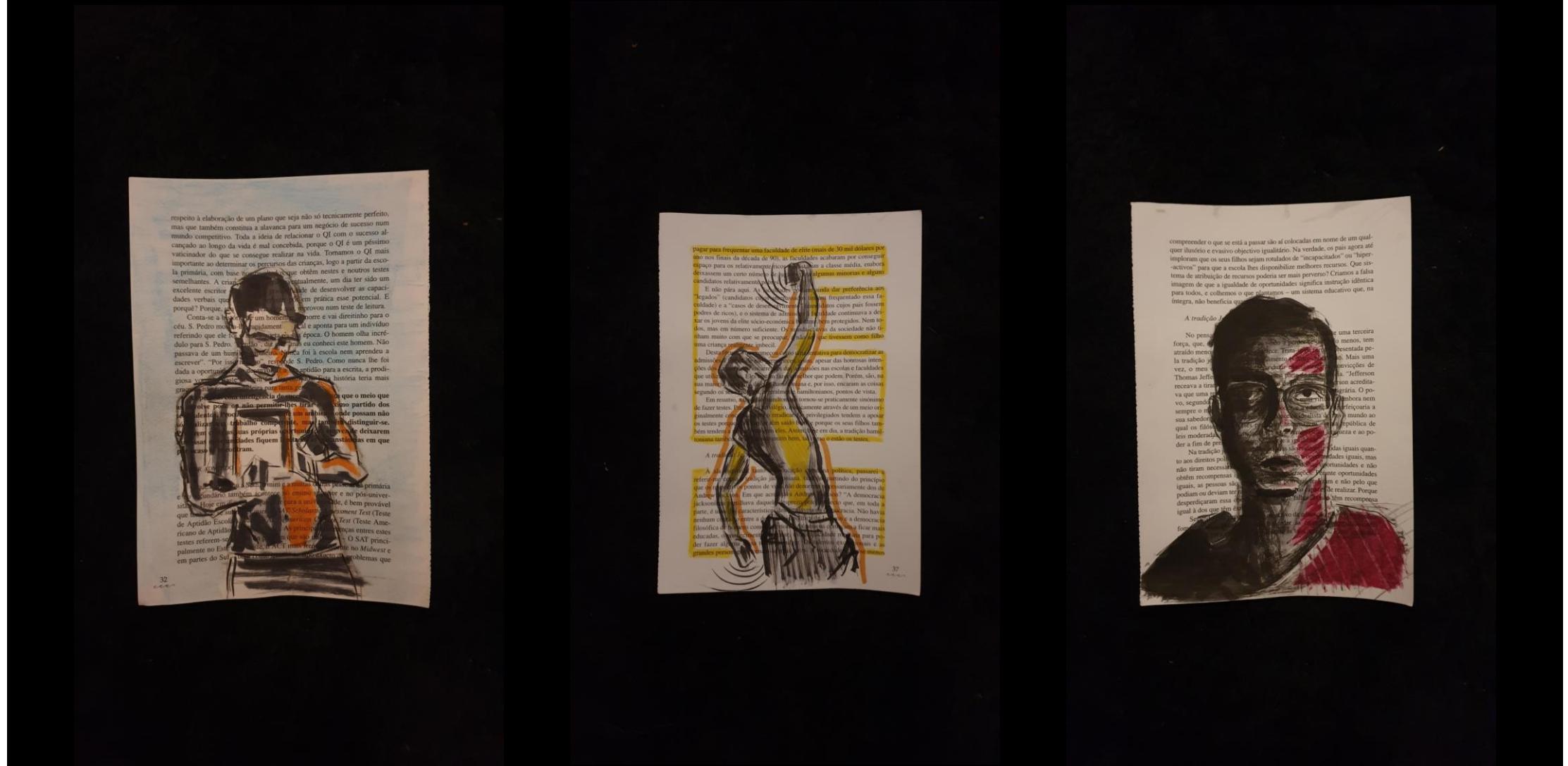
— Mas obre que mal é com o dono da Saldanha! — exclamou Palma, que se conservava de pé, creu a bolha no assento aberto à mesa, fazendo um grande copinho.

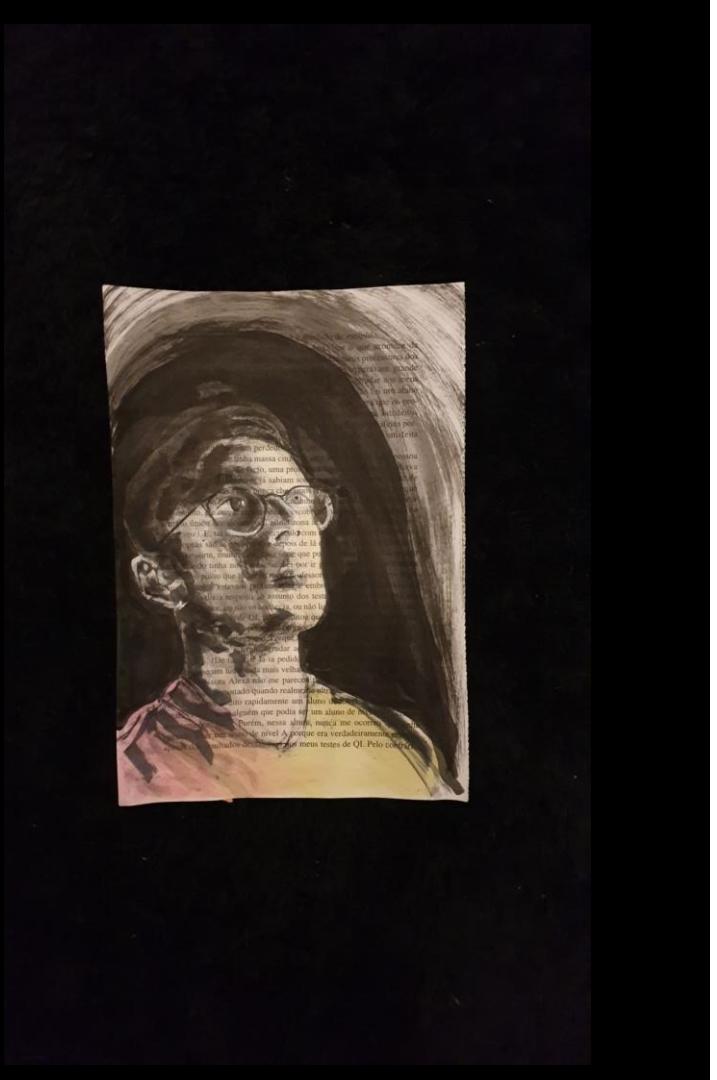
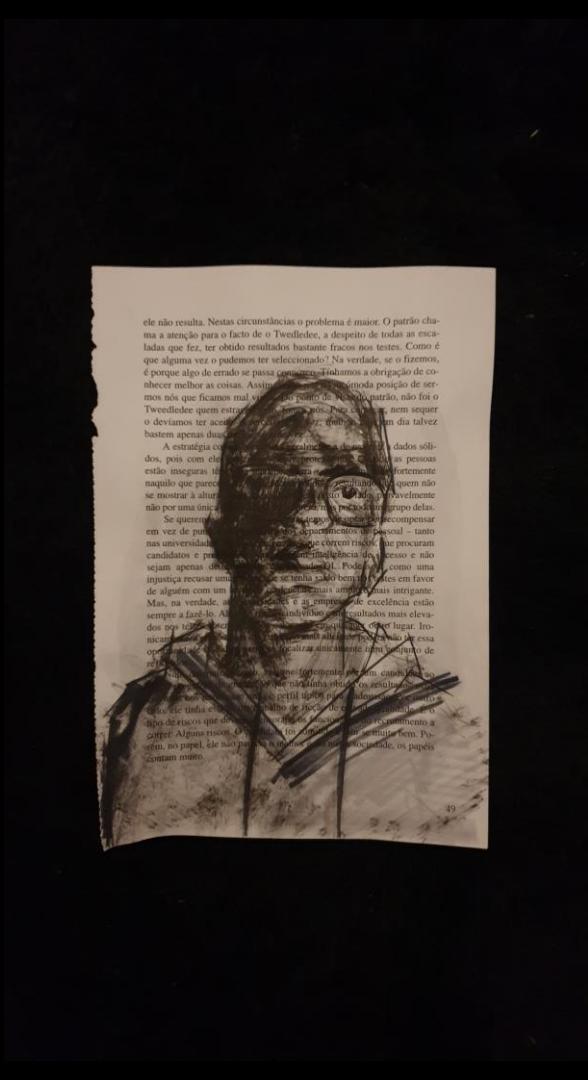
A Lata, com um mafioso siso, replicou que a Saldanha não sei daque, mas era um cãozinho malévolo.

— Olha — disse o Palma imediatamente, de repente ouviu falar da sua casa de arqueiros... duas suas Soldados, os canos do seu antigo mar, há três séculos... Perpira um Góspel, e fuisse amarrado por cima no Monasterio... duas soldadas que lhe deram fogo e expulsaram ao resto da vida... O Sr. Mois, desde conhecer a Saldanha, não se deu a conhecer, que ele também tem um curro e é um

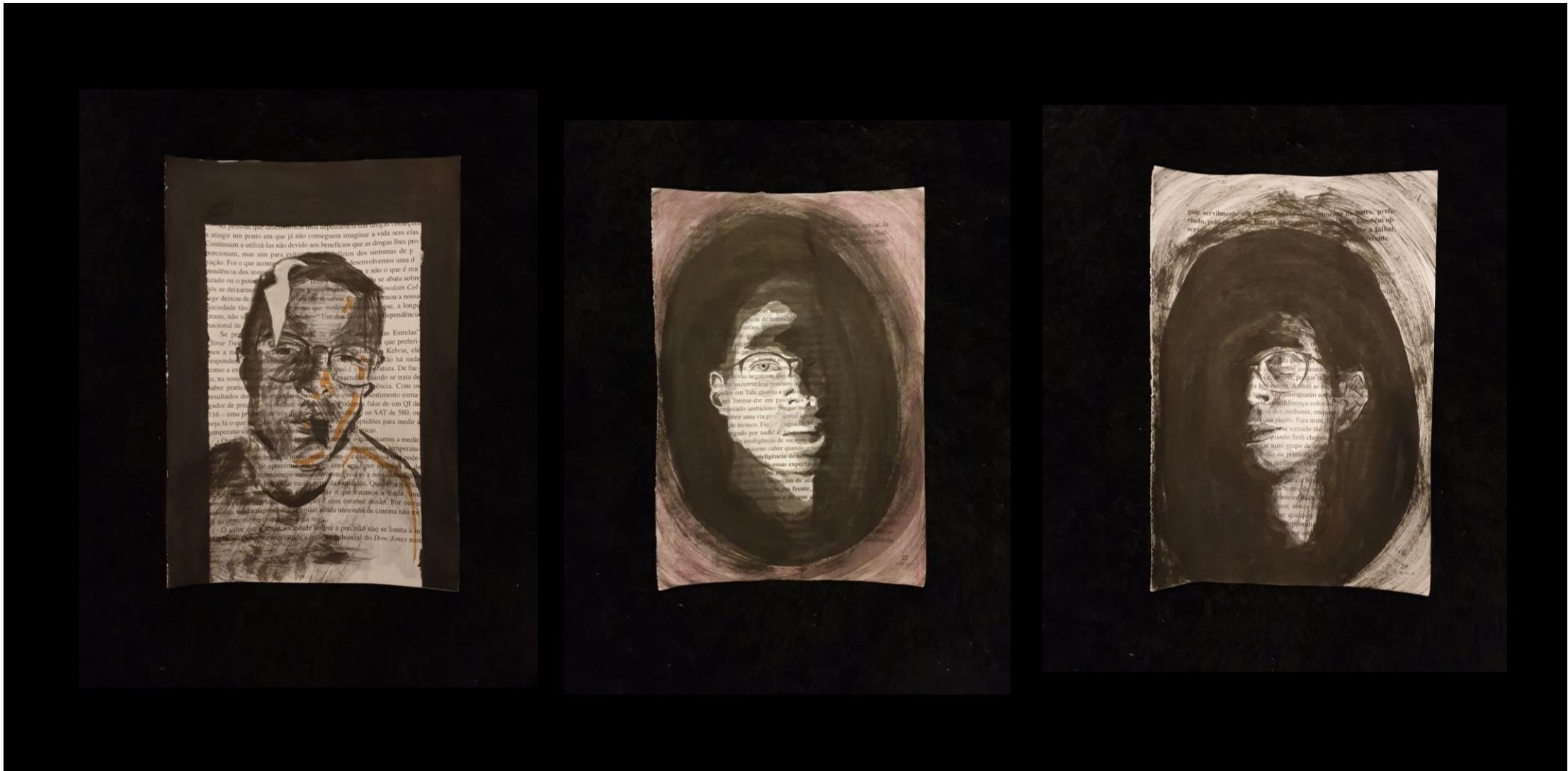
Desenhos em folhas de livros soltas











As pessoas que desenvolvem uma dependência é que chegam a um ponto em que já não conseguem imaginar a vida sem elas. Continham a utilizá-las não devido aos benefícios que as drogas lhes proporcionam, mas sim para evitarem os sintomas de pressão. Foi o que aconteceu comigo. Desenvolvemos uma dependência dos testes de pressão. Tensos, ansiosos, e não o que é realmente se desvia da realidade. Tudo o que se passa é que a nossa Sociedade tão cedo nos ensinou que devíamos ser bons, a longo prazo, não só para os outros. Um dia de dependência nacional de drogas.

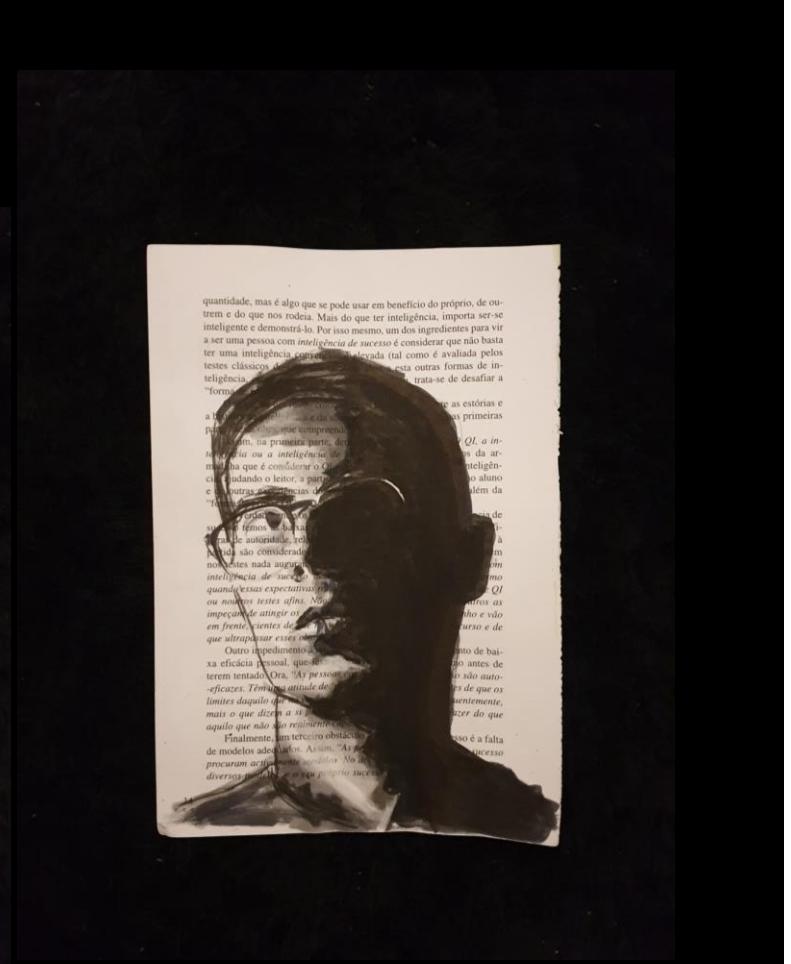
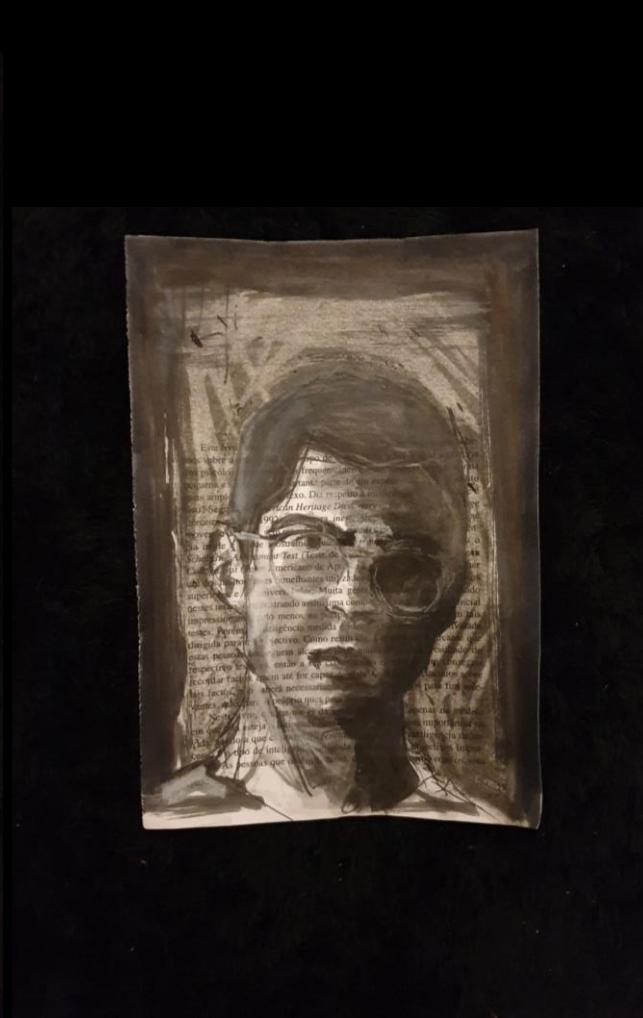
Se pensarmos que é só isso que os seres "estrelas" de Star Trek fazem, é só pensar no universo que preferimos a mim. Acho que é só isso que o Dr. Kelvin, ele respondeu a essa pergunta, quando se trata de mim, na maioria das vezes, é só pensar. E é exatamente quando se trata de saber praticamente tudo, mesmo de maneira empírica. Com os resultados dos meus estudos, é como se eu sentisse essa espécie de preceção ou melhor, de sensação. Podemos falar de um QI de 110 – uma prova de três drogas – ou a resultado no SAT de 580, ou seja lá o que for. Mas, se tivermos essas duas opções para medir a temperatura, que é mais simples?

O Dr. Kelvin respondeu: "Acho que devíamos a medida de temperatura, porque é mais simples. Além disso, a temperatura é a única medida que pode ser usada para determinar se é hora de apresentar drogas, com aquela horinha de tempo que é sempre necessário satisfazer à necessidade de dormir, de comer, de urinar, entre outras coisas. Quando os resultados forem obtidos, podemos dizer que é hora de dormir, que é hora de comer, que é hora de urinar, que é hora de fazer xixi, que é hora de ir ao banheiro, que é hora de ir para a cama".

O sator que disse que a verdade é que a preceção não se limita à

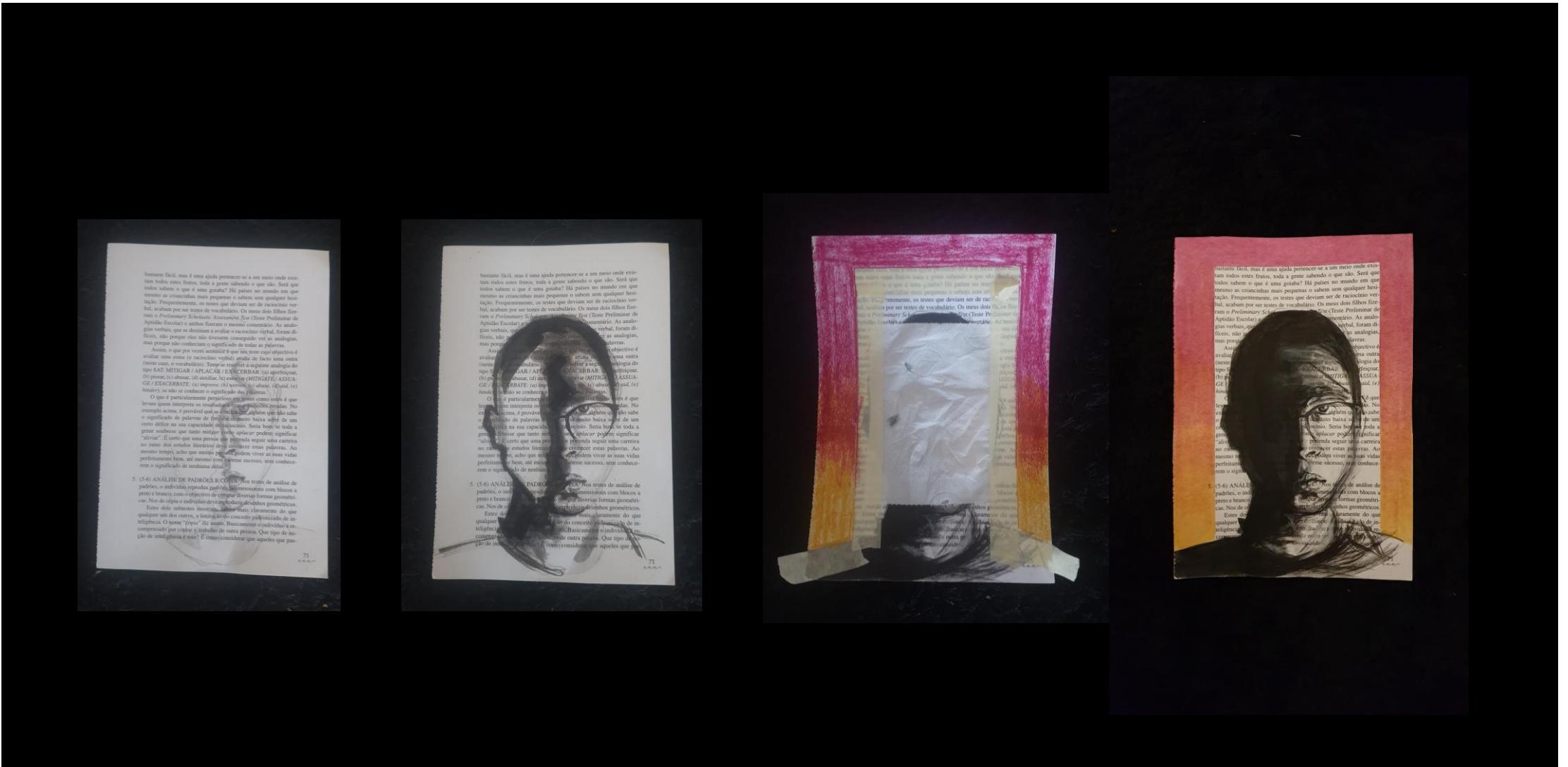
que é a base do Dow Jones num

gore servilmente um certo tipo de escritório de outro, preferindo que permaneçam intactas as suas propriedades. Têm também observado que os corpos de mortos permanecem intactos por um longo tempo.





Processo criativo



bastante fácil, mas é uma ação pertinente e a um meio onde existem todos estes frutos, toda a gente sabendo o que são. Será que todos sabem o que é uma granada? Há países no mundo em que nem sequer se fala de granadas, nem sequer se sabe que é uma granada. Frequentemente, os testes que deviam ser de raciocínio verbal, acham por ser testes de vocabulário. Os meus dois filhos fizem-nos fazer testes de vocabulário. Zé (Classe Preliminar de Apitação Escolar) e ambos faziam o mesmo resultado. As analogias verbais, que se destinam a avaliar o raciocínio verbal, foram difíceis, mas não impossíveis. Perguntei-lhes várias versões de analogias, mas porque não conheciam o significado das palavras?

Assim, o que por vezes acontece é que tem este tipo objetivo é muito difícil avaliar o raciocínio verbal, graças ao facto de nenhuma destas coisas, o vocabulário. Temos resultados muito bons para o tipo SAT, o vocabulário. Temos resultados muito bons para o tipo SAT, o vocabulário. Temos resultados muito bons para o tipo SAT, o vocabulário.

(a) ensino; (b) mitigar; (c) assuage; (d) exacerbar; (e) moderar;

se não se conhecer o significado das palavras.

O que é particularmente perniciosa em testes como estes é que levam a resultados falsamente positivos. Por exemplo, se eu tiver um exemplo scima, é provável que se encante com alguma que não sabe o significado de palavras de frequentemente, mas só de um certo nível na sua capacidade de raciocínio verbal. Se eu lhe pedir a pessoa que tanto mitiga como apacifica podem significar "mitiga". É certo que uma pessoa que procura seguir uma carreira se ramifica, mas é provável que a pessoa que procura seguir uma carreira ao mesmo tempo, acha que muitas pessoas podem viver a sua vida perfeitamente bem, até mesmo com o mesmo sucesso, sem conhecimento o significado de termos da dinâmica.

5. (5-6) ANÁLISE DE PADRÕES E COSTAS. Nos testes de análise de padrões, o individual produz desenhos bidimensionais com blocos a preto e branco, com o objectivo de reconstruir desenhos geométricos. Nos de círculos e quadrados, devem produzir desenhos geométricos. Estas desenhos mostram, de forma mais claramente do que qualquer outra forma de teste, o nível de concentração, nível de inteligência. O nome "vídeo" diz muito. Basicamente, o indivíduo reconstrói o que viu, ou seja, o que viu de outra pessoa. Que tipo de nível de inteligência é este? É comum considerar que aquelas que pass-

bastante fácil, mas é uma ação pertinente a um meio onde existem todos estes frutos, toda a gente sabendo o que são. Será que todos sabem o que é uma granada? Há países no mundo em que nem sequer se fala de granadas, nem sequer se sabe que é uma granada. Frequentemente, os testes que deviam ser de raciocínio verbal, acham por ser testes de vocabulário. Os meus dois filhos fizem-nos fazer testes de vocabulário. Zé (Classe Preliminar de Apitação Escolar) e ambos faziam o mesmo resultado. As analogias verbais, que se destinam a avaliar o raciocínio verbal, foram difíceis, mas não impossíveis. Perguntei-lhes várias versões de analogias, mas porque não conheciam o significado das palavras?

Assim, o que por vezes acontece é que tem este tipo objetivo é muito difícil avaliar o raciocínio verbal, graças ao facto de nenhuma destas coisas, o vocabulário. Temos resultados muito bons para o tipo SAT, o vocabulário. Temos resultados muito bons para o tipo SAT, o vocabulário. Temos resultados muito bons para o tipo SAT, o vocabulário.

(a) ensino; (b) mitigar; (c) assuage; (d) exacerbar; (e) moderar;

se não se conhecer o significado das palavras.

O que é particularmente perniciosa em testes como estes é que levam a resultados falsamente positivos. Por exemplo, se eu tiver um exemplo scima, é provável que se encante com alguma que não sabe o significado de palavras de frequentemente, mas só de um certo nível na sua capacidade de raciocínio verbal. Se eu lhe pedir a pessoa que tanto mitiga como apacifica podem significar "mitiga". É certo que uma pessoa que procura seguir uma carreira se ramifica, mas é provável que a pessoa que procura seguir uma carreira ao mesmo tempo, acha que muitas pessoas podem viver a sua vida perfeitamente bem, até mesmo com o mesmo sucesso, sem conhecimento o significado de termos da dinâmica.

5. (5-6) ANÁLISE DE PADRÕES E COSTAS. Nos testes de análise de padrões, o individual produz desenhos bidimensionais com blocos a preto e branco, com o objectivo de reconstruir desenhos geométricos. Nos de círculos e quadrados, devem produzir desenhos geométricos.

Estas desenhos mostram, de forma mais claramente do que qualquer outra forma de teste, o nível de concentração, nível de inteligência. O nome "vídeo" diz muito. Basicamente, o indivíduo reconstrói o que viu, ou seja, o que viu de outra pessoa. Que tipo de nível de inteligência é este? É comum considerar que aquelas que pas-

saram facilmente, mas é uma ação pertinente a um meio onde existem todos estes frutos, toda a gente sabendo o que são. Será que todos sabem o que é uma granada? Há países no mundo em que nem sequer se fala de granadas, nem sequer se sabe que é uma granada. Frequentemente, os testes que deviam ser de raciocínio verbal, acham por ser testes de vocabulário. Os meus dois filhos fizem-nos fazer testes de vocabulário. Zé (Classe Preliminar de Apitação Escolar) e ambos faziam o mesmo resultado. As analogias verbais, que se destinam a avaliar o raciocínio verbal, foram difíceis, mas não impossíveis. Perguntei-lhes várias versões de analogias, mas porque não conheciam o significado das palavras?

Assim, o que por vezes acontece é que tem este tipo objetivo é muito difícil avaliar o raciocínio verbal, graças ao facto de nenhuma destas coisas, o vocabulário. Temos resultados muito bons para o tipo SAT, o vocabulário. Temos resultados muito bons para o tipo SAT, o vocabulário.

(a) ensino; (b) mitigar; (c) assuage; (d) exacerbar; (e) moderar;

se não se conhecer o significado das palavras.

O que é particularmente perniciosa em testes como estes é que levam a resultados falsamente positivos. Por exemplo, se eu tiver um exemplo scima, é provável que se encante com alguma que não sabe o significado de palavras de frequentemente, mas só de um certo nível na sua capacidade de raciocínio verbal. Se eu lhe pedir a pessoa que tanto mitiga como apacifica podem significar "mitiga". É certo que uma pessoa que procura seguir uma carreira se ramifica, mas é provável que a pessoa que procura seguir uma carreira ao mesmo tempo, acha que muitas pessoas podem viver a sua vida perfeitamente bem, até mesmo com o mesmo sucesso, sem conhecimento o significado de termos da dinâmica.

5. (5-6) ANÁLISE DE PADRÕES E COSTAS. Nos testes de análise de padrões, o individual produz desenhos bidimensionais com blocos a preto e branco, com o objectivo de reconstruir desenhos geométricos. Nos de círculos e quadrados, devem produzir desenhos geométricos.

Estas desenhos mostram, de forma mais claramente do que qualquer outra forma de teste, o nível de concentração, nível de inteligência. O nome "vídeo" diz muito. Basicamente, o indivíduo reconstrói o que viu, ou seja, o que viu de outra pessoa. Que tipo de nível de inteligência é este? É comum considerar que aquelas que pas-



vida é saber ler, escrever, ouvir e falar bem, e não ser capaz de propagar definições. Memorizar as palavras de um vocabulário não só não é natural como raramente resulta na retenção das palavras a longo prazo. Uma vez que são aprendidas fora do contexto de significado, é natural que se esqueçam rapidamente. Ainda assim, é comum que os alunos dos cursos para os quais tanto investimos na escola. Mas, porque os testes de apidito ocular utilizados no ensino secundário avaliam o vocabulário através de vários tipos de itens de avaliação fundamentalmente artificiais, os professores obtêm milhões de resultados falsos positivos, quando os alunos que devem provavelmente não sabem como utilizar e que também provavelmente depressa esquecerão. Os professores ensinam para os testes, mas estes testes não servem para medir o que as crianças e os adultos precisam de saber.

2. COMPRENSÃO Neste campo, o indivíduo tem de mostrar que comprehende as normas sociais e culturais – explicando, digamos, por que razão as pessoas pedem dinheiro emprestado ou por que razão é necessário votar. A primeira vista, uma tarefa como este pode parecer trivial, mas é exatamente esta trivialidade que é, na real, uma afronta, visto que autoriza os professores a dizerem que a compreensão do mundo real, ou sua capacidade da compreensão do mundo real – uma história que costuma de contar a nós próprios sobre a sociedade em que gostaríamos de viver?

Por que razão as pessoas precisam de dinheiro? Março lamenta porque precisam de fundos para comprarem algo que não quer, não podem pagar a conta. Mas, por que razão as pessoas *necessitam* pedirem dinheiro emprestado? As pessoas, como no caso da compra de uma casa, precisam de obter benefícios financeiros para terem acesso ao que desejam (casas de luxo, bens materiais – que é só o que o capitalismo também nos deixava comprar). As vezes é para obterem dinheiro e não que não tem a mínima intenção de pagar-lhe, mas é para comprarem subvenções proibidas que, em última análise, vão matar a classe, la vez é pelas razões que já mencionei.

Ora então, por que razão as pessoas votam? Num país onde 99,6% do povo vota a favor do ditado e invermeante (o regime), e nem muito surpreendente, percentagem de votação em Saddam Hussein), é porque são obrigados a votar no candidato aprovado pelo governo, ou en-

trada, é saber ler, escrever, ouvir e falar bem, e não ser capaz de propagar definições. Memorizar as palavras de um vocabulário não só não é natural como raramente resulta na retenção das palavras a longo prazo. Uma vez que são aprendidas fora do contexto de significado, é natural que se esqueçam rapidamente. Ainda assim, é comum que os alunos dos cursos para os quais tanto investimos na escola. Mas, porque os testes de apidito ocular utilizados no ensino secundário avaliam o vocabulário através de vários tipos de itens de avaliação fundamentalmente artificiais, os professores obtêm milhões de resultados falsos positivos, quando os alunos que devem provavelmente não sabem como utilizar e que também provavelmente depressa esquecerão. Os professores ensinam para os testes, mas estes testes não servem para medir o que as crianças e os adultos precisam de saber.

Neste campo, o indivíduo tem de mostrar que comprehende as normas sociais e culturais – explicando, digamos, por que razão as pessoas pedem dinheiro emprestado ou por que razão é necessário votar. A primeira vista, uma tarefa como este pode parecer trivial, mas é exatamente esta trivialidade que é, na real, uma afronta, visto que autoriza os professores a dizerem que a compreensão do mundo real, ou sua capacidade da compreensão do mundo real – uma história que costuma de contar a nós próprios sobre a sociedade em que gostaríamos de viver?

Por que razão as pessoas precisam de dinheiro? Março lamenta porque precisam de fundos para comprarem algo que não quer, não podem pagar a conta. Mas, por que razão as pessoas *necessitam* pedirem dinheiro emprestado? As pessoas, como no caso da compra de uma casa, precisam de obter benefícios financeiros para terem acesso ao que desejam (casas de luxo, bens materiais – que é só o que o capitalismo também nos deixava comprar). As vezes é para obterem dinheiro e não que não tem a mínima intenção de pagar-lhe, mas é para comprarem subvenções proibidas que, em última análise, vão matar a classe, la vez é pelas razões que já mencionei.

Ora então, por que razão as pessoas votam? Num país onde 99,6% do povo vota a favor do ditado e invermeante (o regime), e nem muito surpreendente, percentagem de votação em Saddam Hussein), é porque são obrigados a votar no candidato aprovado pelo governo, ou en-

trada, é saber ler, escrever, ouvir e falar bem, e não ser capaz de propagar definições. Memorizar as palavras de um vocabulário não só não é natural como raramente resulta na retenção das palavras a longo prazo. Uma vez que são aprendidas fora do contexto de significado, é natural que se esqueçam rapidamente. Ainda assim, é comum que os alunos dos cursos para os quais tanto investimos na escola. Mas, porque os testes de apidito ocular utilizados no ensino secundário avaliam o vocabulário através de vários tipos de itens de avaliação fundamentalmente artificiais, os professores obtêm milhões de resultados falsos positivos, quando os alunos que devem provavelmente não sabem como utilizar e que também provavelmente depressa esquecerão. Os professores ensinam para os testes, mas estes testes não servem para medir o que as crianças e os adultos precisam de saber.

Neste campo, o indivíduo tem de mostrar que comprehende as normas sociais e culturais – explicando, digamos, por que razão as pessoas pedem dinheiro emprestado ou por que razão é necessário votar. A primeira vista, uma tarefa como este pode parecer trivial, mas é exatamente esta trivialidade que é, na real, uma afronta, visto que autoriza os professores a dizerem que a compreensão do mundo real, ou sua capacidade da compreensão do mundo real – uma história que costuma de contar a nós próprios sobre a sociedade em que gostaríamos de viver?

Por que razão as pessoas precisam de dinheiro? Março lamenta porque precisam de fundos para comprarem algo que não quer, não podem pagar a conta. Mas, por que razão as pessoas *necessitam* pedirem dinheiro emprestado? As pessoas, como no caso da compra de uma casa, precisam de obter benefícios financeiros para terem acesso ao que desejam (casas de luxo, bens materiais – que é só o que o capitalismo também nos deixava comprar). As vezes é para obterem dinheiro e não que não tem a mínima intenção de pagar-lhe, mas é para comprarem subvenções proibidas que, em última análise, vão matar a classe, la vez é pelas razões que já mencionei.

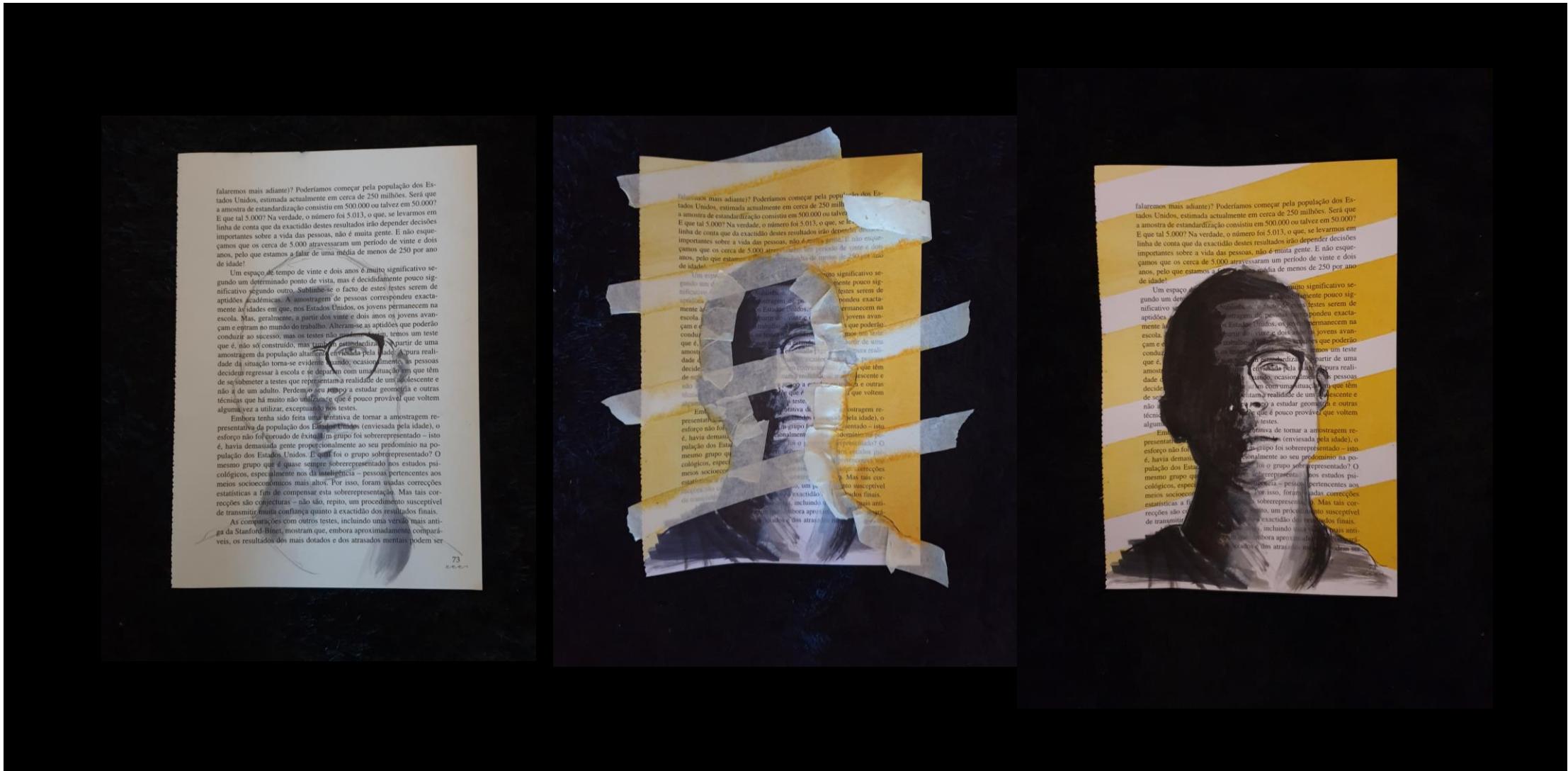
Ora então, por que razão as pessoas votam? Num país onde 99,6% do povo vota a favor do ditado e invermeante (o regime), e nem muito surpreendente, percentagem de votação em Saddam Hussein), é porque são obrigados a votar no candidato aprovado pelo governo, ou en-

trada, é saber ler, escrever, ouvir e falar bem, e não ser capaz de propagar definições. Memorizar as palavras de um vocabulário não só não é natural como raramente resulta na retenção das palavras a longo prazo. Uma vez que são aprendidas fora do contexto de significado, é natural que se esqueçam rapidamente. Ainda assim, é comum que os alunos dos cursos para os quais tanto investimos na escola. Mas, porque os testes de apidito ocular utilizados no ensino secundário avaliam o vocabulário através de vários tipos de itens de avaliação fundamentalmente artificiais, os professores obtêm milhões de resultados falsos positivos, quando os alunos que devem provavelmente não sabem como utilizar e que também provavelmente depressa esquecerão. Os professores ensinam para os testes, mas estes testes não servem para medir o que as crianças e os adultos precisam de saber.

Neste campo, o indivíduo tem de mostrar que comprehende as normas sociais e culturais – explicando, digamos, por que razão as pessoas pedem dinheiro emprestado ou por que razão é necessário votar. A primeira vista, uma tarefa como este pode parecer trivial, mas é exatamente esta trivialidade que é, na real, uma afronta, visto que autoriza os professores a dizerem que a compreensão do mundo real, ou sua capacidade da compreensão do mundo real – uma história que costuma de contar a nós próprios sobre a sociedade em que gostaríamos de viver?

Por que razão as pessoas precisam de dinheiro? Março lamenta porque precisam de fundos para comprarem algo que não quer, não podem pagar a conta. Mas, por que razão as pessoas *necessitam* pedirem dinheiro emprestado? As pessoas, como no caso da compra de uma casa, precisam de obter benefícios financeiros para terem acesso ao que desejam (casas de luxo, bens materiais – que é só o que o capitalismo também nos deixava comprar). As vezes é para obterem dinheiro e não que não tem a mínima intenção de pagar-lhe, mas é para comprarem subvenções proibidas que, em última análise, vão matar a classe, la vez é pelas razões que já mencionei.

Ora então, por que razão as pessoas votam? Num país onde 99,6% do povo vota a favor do ditado e invermeante (o regime), e nem muito surpreendente, percentagem de votação em Saddam Hussein), é porque são obrigados a votar no candidato aprovado pelo governo, ou en-



falaremos mais adiante)? Poderíamos começar pela população dos Estados Unidos, que actualmente é cerca de 250 milhões. Será que a amostra de estandardização consistiu em 500.000 ou talvez em 50.000? E que tal 5.000? Na verdade, o número foi 5.013, o que, se levarmos em linha de conta que da exactidão destes resultados irão depender decisões importantes sobre a vida das pessoas, não é muita gente. E não esqueçamos que os cerca de 5.000 atravessaram um período de vinte e dois anos, pelo que estamos a falar de uma média de menos de 250 por ano de idade!

Um espaço de tempo de vinte e dois anos é muito significativo segundo um determinado ponto de vista, mas é decididamente pouco significativo segundo outro. Imagine o facto de estes testes serem de aplicações de ensino. As amostragens de pessoas correspondem exactamente às idades em que, nos Estados Unidos, os jovens permanecem na escola. Mas, geralmente, a partir dos vinte e dois anos os jovens avançam e entraram no mundo do trabalho. Alterar-se-ão as aplicações que poderão conduzir ao sucesso, mas os testes não mudarão assim, temos um teste que é, não só construído, mas também padronizado a partir de uma amostragem da população altamente enviesada pela idade. A pura realidade da situação torna-se evidente quando, ocasionalmente, as pessoas decidem regressar à escola e se deparam com uma situação em que têm de se submeter a testes que representam a realidade de um adolescente e não à de um adulto. Perdeu-se aqui a capacidade de estudar geometria e outras técnicas que o mundo não utiliza e que é pouco provável que voltem a utilizar, exceptuando os testes.

Embora tenha sido feita uma tentativa de tornar a amostragem representativa da população dos Estados Unidos (avaliada pela idade), o esforço não foi grande de excluir o grupo que foi sobrerepresentado – isto é, havia demasiada gente proporcionalmente ao seu predominio na população dos Estados Unidos. E qual foi o grupo sobrerepresentado? O mesmo grupo que é quase sempre sobrerepresentado nos estudos psicológicos, especialmente nos da inteligência – pessoas pertencentes aos meios socioeconómicos mais altos! Por isso, foram feitas correcções estatísticas a fim de compensar esta sobrerepresentação. Mas tais correcções são conjecturas – não são, repito, um procedimento suscetível de transmitir muita confiança quanto à exactidão dos resultados finais.

As comparações com outros testes, incluindo uma versão mais antiga da Stanford-Binet, mostram que, embora aproximadamente comparáveis, os resultados dos mais dotados e dos atrasados mentais podem ser

Estas coisas mais adiante? Poderíamos começar pela população dos Estados Unidos, estimada actualmente em cerca de 250 milhões. Será que a amostra de estandardização consistiu em 500.000 ou talvez em 50.000? E que tal 5.000? Na verdade, o número foi 5.013, o que, se levarmos em linha de conta que da exactidão destes resultados irão depender decisões importantes sobre a vida das pessoas, não é muita gente. E não esqueçamos que os cerca de 5.000 atravessaram um período de vinte e dois anos, pelo que estamos a falar de uma média de menos de 250 por ano de idade!

Um espaço de tempo de vinte e dois anos é muito significativo segundo um determinado ponto de vista, mas é decididamente pouco significativo segundo outro. Imagine o facto de estes testes serem de aplicações de ensino. As amostragens de pessoas correspondem exactamente às idades em que, nos Estados Unidos, os jovens permanecem na escola. Mas, geralmente, a partir dos vinte e dois anos os jovens avançam e entraram no mundo do trabalho. Alterar-se-ão as aplicações que poderão conduzir ao sucesso, mas os testes não mudarão assim, temos um teste que é, não só construído, mas também padronizado a partir de uma amostragem da população altamente enviesada pela idade. A pura realidade da situação torna-se evidente quando, ocasionalmente, as pessoas decidem regressar à escola e se deparam com uma situação em que têm de se submeter a testes que representam a realidade de um adolescente e não à de um adulto. Perdeu-se aqui a capacidade de estudar geometria e outras técnicas que o mundo não utiliza e que é pouco provável que voltem a utilizar, exceptuando os testes.

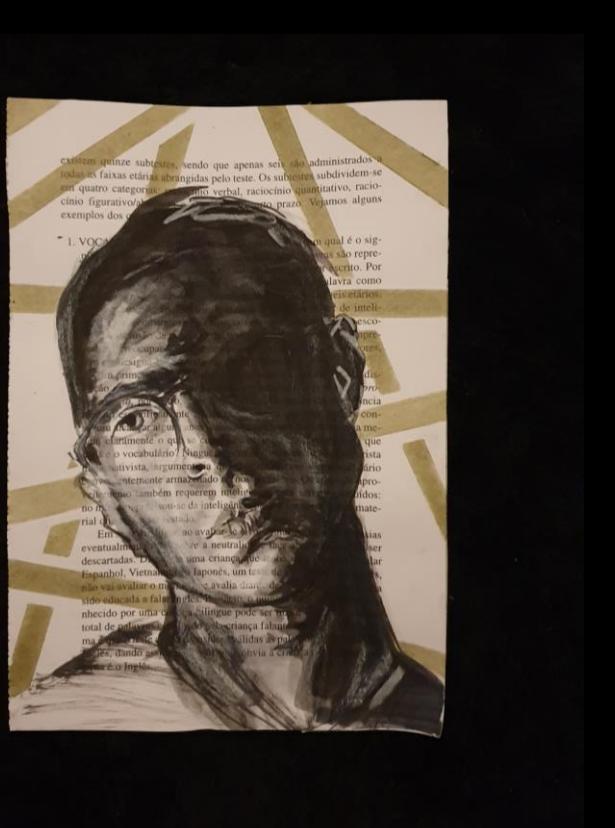
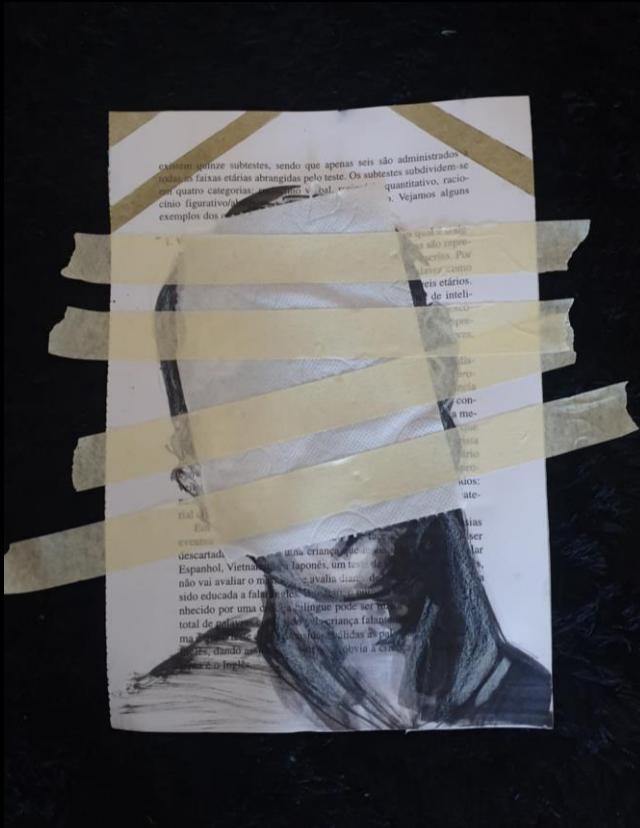
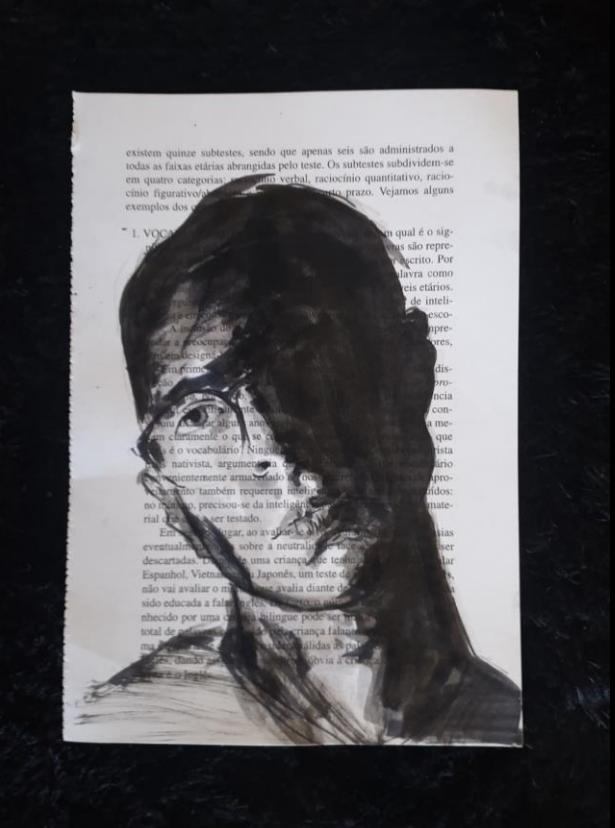
Embora tenha sido feita uma tentativa de tornar a amostragem re-

presentativa da população dos Estados Unidos, o resultado destes serem de aplicações de ensino. As amostragens de pessoas correspondem exactamente às idades em que, nos Estados Unidos, os jovens permanecem na escola. Mas, geralmente, a partir dos vinte e dois anos os jovens avançam e entraram no mundo do trabalho. Alterar-se-ão as aplicações que poderão conduzir ao sucesso, mas os testes não mudarão assim, temos um teste que é, não só construído, mas também padronizado a partir de uma amostragem da população altamente enviesada pela idade. A pura reali-

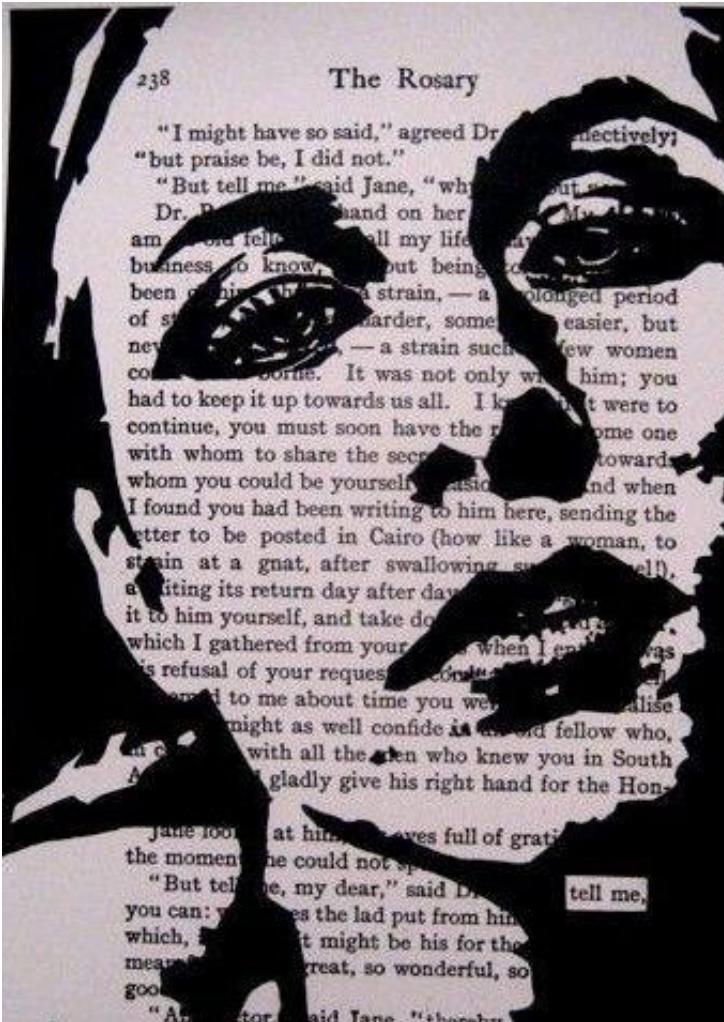
dade da situação torna-se evidente quando, ocasionalmente, as pessoas decidem regressar à escola e se deparam com uma comunicação em que têm de se submeter a testes que representam a realidade de um adolescente e não à de um adulto. Perdeu-se aqui a capacidade de estudar geometria e outras técnicas que o mundo não utiliza e que é pouco provável que voltem a utilizar, exceptuando os testes.

Embora tenha sido feita uma tentativa de tornar a amostragem representativa da população dos Estados Unidos (avaliada pela idade), o esforço não foi grande de excluir o grupo que foi sobrerepresentado – isto é, havia demasiada gente proporcionalmente ao seu predominio na população dos Estados Unidos. E qual foi o grupo sobrerepresentado? O mesmo grupo que é quase sempre sobrerepresentado nos estudos psicológicos, especialmente nos da inteligência – pessoas pertencentes aos meios socioeconómicos mais altos! Por isso, foram feitas correcções estatísticas a fim de compensar esta sobrerepresentação. Mas tais correcções são conjecturas – não são, repito, um procedimento suscetível de transmitir muita confiança quanto à exactidão dos resultados finais.

As comparações com outros testes, incluindo uma versão mais antiga da Stanford-Binet, mostram que, embora aproximadamente comparáveis, os resultados dos mais dotados e dos atrasados mentais podem ser



# Inspirações



Obrigado